AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.* Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CORRENDO MUNDO:

Trabalho e Vivências de Carroceiros na cidade de Uberlândia. (1970/1999)

Sérgio Paulo Morais

1632
S.9(c)

Uberlândia 1999.

SÉRGIO PAULO MORAIS

CORRENDO MUNDO:
Trabalho e Vivências de Carroceiros na cidade de Uberlândia.
(1970/1999)

Trabalho de pesquisa desenvolvido na disciplina **Monografia II**, proferida no 9º período do curso de **História**, sob a orientação do **Professor Doutor Paulo Roberto de Almeida**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CDHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Uberlândia, agosto de 1999.

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

Agradeço sinceramente aos meus pais, irmãos e avós, pela motivação. À Daniela e Mariane pela força. Ao grupo de pesquisa: Ana, Edimilson, Luzia, Jorgetânia, Luciene, Soene pelo o que juntos vivemos. À Prof. Dra. Coraly Gará Caetano pela amizade, a oportunidade e as "experiências". Ao Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida pela orientação e pelo companheirismo. À FAPEMIG pelo apoio. À todos os sujeitos, por tudo que proporcionaram.

Este trabalho é dedicado a ***Pedro Morais***.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO - PESQUISA EM [illegible] SOCIAL COMUNICAÇÃO
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Minerão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.°
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

MEMÓRIA

menino no capinzal
caminha
nesta tarde e em outra
havida

Entre capins e mata-pastos
vai, pisa
nas ervas mortas ontem
e vivas hoje
e revividas no clarão da
lembrança

E há qualquer coisa azul que
ilumina
e que não vem do céu, e se
não vem
do chão, vem
decerto do mar batendo
noutra tarde
e no meu corpo agora
—um mar defunto que se
ascende na carne
como noutras vezes se
ascende no sabor
de uma fruta
ou a suja luz dos perfumes
da vida
ah vida!

Ferreira Gullar
ano de 1968

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 05

Algumas Referências Teórico-Metodológicas 15

Perspectivas de Abordagem: **Tradição e Modo de Vida** 23

A Perspectiva da Informalidade 31

MODO DE VIDA E TRABALHO COM CARROÇAS 36

GRÁFICO 55

O TRABALHO ENQUANTO MODO DE VIDA 56

TRABALHO DE CARROCEIRO: CONSTRUÇÃO COTIDIANA 73

FONTES 85

BIBLIOGRAFIA 87

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

INTRODUÇÃO

Por fim o início. A pesquisa, que ora tenho a apresentar, é fruto de discussões e questionamentos que surgiram-me em meados de 1997. Tal data deriva-se do fato de meu ingresso em um grupo de discussões e de produção (de textos, monografias e vídeos) sobre maneiras de se viver, de se morar e de se trabalhar na cidade de Uberlândia.

Os trabalhadores, que se transformaram em sujeitos das pesquisas ali desenvolvidas, exerciam (e ainda exercem) atividades, que até o momento pareciam desinteressantes a grande parte dos pesquisadores desta e de outras tantas universidades espalhadas pelo país. Trata-se de ambulantes, pedreiros, empregadas domésticas, chapas, catadores de papel e carroceiros.

Além de apresentar estes "novos" trabalhadores à produção historiográfica, o grupo, ora reunido, pretendia levantar discussões sobre a temática do "mercado informal", das conquistas e conflitos enfrentados por estas pessoas na constituição do espaço urbano do município. Nesta conjuntura de perspectivas, firmou-se como fonte direcionadora, de todos os trabalhos ali realizados, a documentação oral. Esta era produzida em conjunto com os sujeitos enfocados, fato que ampliou as perspectivas antes colocadas e trouxe para as produções ali construídas um inovador co-autor: os próprios trabalhadores, que em muito contribuíram com suas experiências e interpretações a respeito das relações socais que vivem.

Esta pesquisa, em particular, tem como sujeitos: grupos de trabalhadores que utilizam carroças como instrumentos de trabalho. Ao inseri-los, neste trabalho historiográfico, tentei

faze-lo através da análise de seus cotidianos, privilegiando alguns aspectos de seus modos de vida e apontando particularidades de seus "ofícios".[1]

Do projeto inicial ao texto que ora demonstro, trilhou-se um longo caminho, marcado por reordenações de perspectivas[2], reorganizações das abordagens em relação ao tema, desânimo, inseguranças, alegrias e novas motivações. O texto final desta "iniciação científica"[3], garantiu-se pelo incentivo e pela orientação da Professora Doutora Coraly Gará **CAETANO**, do Professor Doutor Paulo Roberto de **ALMEIDA** e de todos os companheiros[4], que participaram do projeto "**A Experiência dos Trabalhadores na Constituição das Relações Sociais no Espaço Urbano de Uberlândia (1950/1999)**". Agradeço a estas pessoas, a oportunidade e o privilégio de colocar-me diante de trabalhadores "vivos", que agem, possuem sentimentos, tristezas, valores e perspectivas bastante interessantes sobre a sociedade da qual participamos.

Estes trabalhadores prestaram valiosos depoimentos a respeito de seus ofícios e de suas vivências. Frente a suas falas tentei levantar alguns pontos de reflexão, tenho a certeza de que muitos "assuntos" foram deixados para traz[5], e outros tantos ficaram apenas apontados.

Mas, tenho a clareza de que este não tem o mérito de ser um texto definitivo. Neste sentido, vejo-me na necessidade de levar adiante este trabalho de pesquisa, pelo respeito a estas pessoas aqui referidas e pela importância de se colocar, com maior profundidade, suas experiências dentro de um determinado debate historiográfico.

---

[1] A palavra "ofício" remete a uma ocupação com certo grau de habilidade, acredito que esta atividade requeira tal pressuposto, portanto usarei este termo em seu sentido lato (não importando com especificações outras que este termo possa conter). Como "sinônimo" de ofício aparecerá ainda as palavras "trabalho" e "profissão" de carroceiro.

[2] Dentro deste contexto, registro aqui agradecimentos a Professora Doutora Jane de Fátima Silva **RODRIGUES**, que indicou, certa vez, um caminho muito interessante a estas análises. Acredito que as perspectivas, por ela apontadas, mereçam privilégios de outros pesquisadores, pois a História tem carência de análises referentes as décadas 20/30/40/50/60, sobre a vida e o trabalho de carroceiros em Uberlândia.

[3] Que contou com recursos financiados pela FAPEMIG.

[4] Luzia Márcia, Ana Mágna, Edimilson, Jorgetânia e Soene.

[5] Tais como o problema da violência (assaltos, ameaças, brigas, etc.) e do uso de aparatos de defesa frente a esta (como armas, atitudes de imposição, agressões físicas, etc.).

Ao ler os tópicos que seguem a esta introdução, percebe-se que estes trabalhadores não aparecerão totalmente dimensionados, devido a limitações postas pelo texto escrito. Nota-se que estarão (muitas das vezes) compactados em nomes, estado civil, local de moradia e data da entrevista. Fato que talvez não apresente com nitidez, uma maior amplitude de suas vivências.

Mesmo sabendo não ser o suficiente, para se dar uma ampla clareza destes sujeitos, farei um brevíssimo histórico destas pessoas: **Sebastião Vieira de Araújo**[6] ("Maninho") é casado, tem cinco filhos, natural do nordeste brasileiro. Trabalhou alguma vezes em fazendas e foi assistente de caminhoneiro; chegou a Uberlândia no início da década de 70, sendo "imediatamente" recolhido, juntamente com a família, pelo ICASU (órgão da Prefeitura Municipal de caráter "assistencialista"). Tal situação, levou este senhor a procurar o prefeito para se apresentar e mostrar as intenções de sua chegada a esta cidade, que seria em suas palavras: "*de trabalhar como um cidadão*". Após vender laranjas pela cidade, consegue recursos para adquirir uma carroça, utilizando-a para trabalhar na remoção de entulhos e pequenos fretes. Lamenta-se pelo motivo de ter cumprido quatro anos de prisão por crime de homicídio[7], acredita na justiça e admite que se cometer outro erro ("*errá de novo*"), cumprirá a sentença que lhe for proposta. Em 14 de abril de 1998, torna-se assunto de primeira página do jornal CORREIO[8], por ser o primeiro carroceiro a usar um aparelho de telefonia celular, este fato faz com que o senhor Antônio, sinta-se extremamente orgulhoso, pois, em suas palavras: "*minha foto tá aqui na primeira página e colorida, a do presidente do Brasil e dos Estados Unidos tá bem prá frente em preto e branco*". Atualmente, possui duas carroças (trabalha em conjunto com seus filhos) e exerce o cargo de vice-presidente da Associação de

---

[6] Concedeu entrevista em **27 de setembro de 1998**.

[7] Segundo ele, a pena foi reduzida de oito para quatro anos por bom comportamento. O motivo do ato de assassinar uma pessoa não fica muito claro na entrevista (vale notar que ele próprio é quem introduz e sente-se em tranqüilidade de continuar o assunto), mas gerou em torno de um desentendimento a respeito de um lote, usado como pasto para seus cavalos.

Carroceiros de Uberlândia. Sua fala é muito complexa, pois guarda, em situações iguais, posturas de enfrentamento e de defesa de algumas instituições, tais como a Prefeitura Municipal.

Deni Eliziario Valeriano[9] é casado, tem 64 anos e é morador do bairro Lagoinha. O senhor Deni nasceu em uma fazenda próxima da região de Uberlândia, e trabalhou muitos anos na "Fazenda Tatu", propriedade do exército brasileiro. Ao ser "dispensado" (despedido) no início da década de 70, moveu uma ação contra a instituição da qual era empregado, recorrendo até a jurisdição de Belo Horizonte, na qual consegue sair vencedor. Esta experiência, legou a ele uma representação de homem corajoso, pois o exército possuía (naquele momento) o mando do poder executivo e a subordinação do legislativo e judiciário, e este trabalhador tinha plena convicção disto. Ao vir para Uberlândia, morou durante alguns anos com suas filhas, até conseguir construir sua casa. Ensinou o ofício de carroceiro a seus genros e netos. Certa vez, teve que reconquistar através da violência (advinda do uso de arma de fogo) uma égua roubada, sendo preso e liberado por falta de acusação. Teme que os dois envolvidos, que foram feridos e presos, possam algum dia vingar-se do acontecido. Este senhor apresentou-me ao senhor Sebastião Vieira de Araújo (acima citado), para que eu tivesse, em seu entendimento, uma melhor compreensão do trabalho com carroças[10]. Tem, atualmente, uma carroça, com a qual trabalha na remoção de entulho e faz pequenos fretes. Diz estar trabalhando menos por estar velho, vende galinhas e auxilia o trabalho do genro e vizinho **Antônio Gomes da Silva** (também carroceiro).

---

[8] Ver Jornal **CORREIO**. 14 de abril de 1998. Página 1. Tal matéria mostra as "facilidades" em se conseguir um telefone celular na cidade. Atualmente não possui tal aparelho, devido (em sua compreensão) ao fato das altas taxas cobradas sobre o mesmo.

[9] Concedeu duas entrevistas, uma no dia **27 de setembro de 1998** e a outra em **28 de setembro de 1998**.

[10] Por entender que o senhor Antônio Gomes da Silva, sendo o vice-presidente da Associação, melhor desse depoimentos sobre o ofício. Fato que não considero como prioritário. Esta atitude, fez-me crer a primeiro momento, que tratava-se de um receio frente ao que poderia (ou não) falar-me; após acompanhar a entrevista com seu "Maninho", aceitou continuar a expressar suas vivências. Por fim, acredito que se houvesse alguma suspeita, esta não prevaleceu. Vale apontar que, todas as referências feitas ao seu Deni, foram retiradas da 2ª parte da entrevista, pois a primeira ficou muito centrada na questão do trabalho realizado no exército.

Antônio Gomes da Silva[11] é casado, possui 52 anos, tem dois filhos e, como já dito, é genro do senhor **Deni Eliziario Valeriano**. Trabalhou, durante muitos anos, como pedreiro, e atualmente, optou por trabalhar com carroças. Suas atividades mais freqüente são o recolhimento e venda de "lavagem"[12] e a remoção de entulho. A entrevista, feita com este senhor, foi "supervisionada" por sua esposa, a qual garantia o direcionamento de determinadas respostas, fato que levou o entrevistado a desmentir várias de suas falas. Tais circunstâncias proporcionaram alguns momentos de riso entre alguns presentes[13]. Creio, que tal ocorrência não desvalie o documento, pois como será posteriormente referido, a preocupação em se analisar as fontes orais (por convicção deste projeto) tendem a preferir as subjetividades e representações, frente a uma "veracidade" latente e incontestável.

Maria Aparecida da Silva[14] é casada, tem 39 anos, dois filhos, e é também moradora do bairro Lagoinha. Nasceu no sítio de seu pai, vindo morar em Uberlândia após seu primeiro casamento. Ela iniciou-se na profissão quando seu segundo marido encontrava-se impossibilitado[15] para trabalhar. A partir de então, segundo ela mesmo: "*faço o serviço que qualquer homem (...) faiz*". O que mais gosta na profissão é o fato de cuidar e estar próximo de seu animal (no caso, sua égua). Atualmente, está com a sua própria carroça e trabalha conjuntamente com o seu esposo no recolhimento, armazenamento e venda de esterco. Seu principal comprador é uma loja especializada em plantio e reflorestamento, local onde o seu filho mais velho trabalha. Um fato marcante, em suas experiências de trabalho, foi a morte de sua primeira égua, dada por seu pai (após um longo período de "desafetos"). Segundo ela, esta circunstância a perturbou de uma tal maneira que alguns parentes próximos acharam por

---

[11] Concedeu a entrevista em **28 de setembro de 1998**.

[12] "Restos" de alimentos usados na alimentação de porcos. Muitas das vezes, este material é recolhido em escolas e creches.

[13] No caso o senhor Sebastião, sua filha mais velha e eu próprio.

[14] Ela foi a única carroceira entrevistada nesta pesquisa. Segundo a própria dona Maria Aparecida, há várias carroceiras trabalhando atualmente em Uberlândia. O cadastramento dos carroceiros(as) de Uberlândia aponta de 968 pessoas cadastradas em 1998, um quantitativo de seis carroceiras com veículos numerados em seus nomes. Concedeu a entrevista em **26 de setembro de 1998**.

bem, interná-la na psiquiatria do Hospital Universitário. Deste episódio, ela tem a lembrança do "resgate" feito pelo seu companheiro, o senhor **Jorge Saraiva**. Todos (em sua casa) concordam que este período está ultrapassado. Na ocasião da entrevista, dona Maria Aparecida mostrou-me seu novo animal (presente dado a ela por seu marido), estando ela muito contente e orgulhosa, pois sua égua estava prestes a dar-lhe filhotes.

Jorge Saraiva[16] é casado com dona Maria Aparecida da Silva, com 41 anos, tem dois enteados e vive juntamente com sua esposa no bairro Lagoinha. O senhor Jorge é natural de Uberlândia e trabalha com carroças desde os oito anos de idade, segundo ele, por intermédio do pai. Viu a cidade crescer e a profissão de carroceiro transformar-se durante os anos. Faz frete e (como já dito) vende esterco. Acredita que em nenhuma circunstância catará papel para sobreviver, pois em sua concepção isto não é nada gratificante para um trabalhador. "Feriu-se" alguns anos atrás em uma briga, nas proximidades de sua casa, segundo ele, ao sair de um bar, fora atacado sem motivo algum, por dois sujeitos. Situação que deixou seu rosto todo cortado e sua vida em risco. A partir disso, evita circular por algumas ruas do bairro, onde vive, por considerá-las muito perigosas.

João Batista do Nascimento[17] é viúvo, tem 58 anos, três filhos e mora no bairro Lagoinha. O senhor João contribuiu com duas entrevistas para este projeto, uma concedida a mim e a outra realizada por Ana Mágna Silva **Couto**. Este senhor teve vários ofícios, trabalhou em fábrica de tecido, na lavoura, na criação de gado e em engenhos. Casou-se por duas vezes e entristece-se quando se refere a sua companheira falecida em 1997. Ana Mágna lembra ainda que este senhor "morou em uma ocupação na Avenida Rondon Pacheco", conseguindo uma casa no Lagoinha durante a "administração Zaire Rezende (1983 –19988)".

---

[15] Seu marido é Jorge Saraiva, casado, 41 anos, morador do bairro Lagoinha. Este "ausentou-se" (do trabalho) por motivos de ferimentos provocados por faca.

[16] Concedeu a entrevista em **26 de setembro de 1998**.

[17] Concedeu uma entrevista à Ana Magna Silva **COUTO** em **4 de julho de 1997**. Concedeu-me outra entrevista em **27 de setembro de 1998**.

Sua principal atividade é a de catador de papel, eventualmente faz frete e retira entulho. Sente-se longe da família (pais e irmãos) e pensa em regressar algum dia a sua terra natal.

As entrevistas de **José Moreira da Cunha** e **Rafael Luís Camargo** colocadas nesta pesquisa, foram realizadas e cedidas por Ana Mágna Silva **Couto**. Portanto, achei interessante utilizar as apresentações feitas por ela em relação a estes trabalhadores: "**José Moreira da Cunha**[18], 49 anos, natural de Santa Maria do Suaçuí/MG, casado, reside em Uberlândia há, aproximadamente, 12 anos. Veio para trabalhar no setor da construção civil, mas trabalha com carroças coletando papel, ou fazendo outros serviços há 8 anos. Questionado sobre os motivos que o levaram a catar papel, afirma ter sido o desemprego. Morou em várias ocupações, até ter condições de fazer a casa, na qual reside no bairro Lagoinha, com a esposa. Possui três filhos, mas apenas dois moram com ele. Sonha ter um carro e construir uma casa boa, que possa deixar para os filhos. Devido às dificuldades que enfrenta cotidianamente, o modo como é tratado por algumas pessoas na rua, o faz sentir discriminado por seu trabalho". "**Rafael Luís Camargo**[19], 17 anos, solteiro, natural de Araguari/MG, parou de estudar na sexta série do primeiro grau para trabalhar, mas conta que também foi expulso do colégio nesta ocasião. Começou desde pequeno a vender picolé e aos 15 anos foi trabalhar para o senhor Adejanir Luciano (catador de Papel). Reside com a mãe e três irmãos em uma casa alugada no bairro Santa Rosa. Seus pais são separados, a mãe trabalha em um hospital como auxiliar de nutrição, o pai é policial e um dos irmãos trabalha como marceneiro. Dentre as dificuldades encontradas em seu trabalho, aponta o fato de conduzir sozinho uma carroça no centro da cidade, pois ao estacionar, para recolher o papel, os carros e ônibus buzinam, nestas circunstâncias, ele teme que o cavalo possa disparar e causar prejuízos e acidentes mais graves. Afirma que não gosta de estudar, mas admite a

[18] Concedeu a entrevista em **29 de junho de 1997**.

[19] Concedeu a entrevista em **20 de abril de 1997**.

necessidade de retornar a escola, pois, em suas concepções, isto poderá ajudar-lhe a conseguir um serviço melhor no futuro".[20]

Joaquim Sebastião Filho[21] é casado, possui quatro filhos, tem 58 anos e é morador do bairro Lagoinha. Morou toda a sua vida na roça, vindo para Uberlândia em 1995. Segundo ele a opção por se viver no perímetro urbano, advém da necessidade de um melhor tratamento para uma de suas filhas, que é (em suas palavras) deficiente. Além deste fato, admite que o emprego no campo tenha "acabado" após alguns atos legislativos, que reelaboram as relações trabalhadores/patrões[22]. Acredita que a entrada do "sindicato", nas fazendas, só acarretou percas para os camponeses. Diz que, durante os anos vividos no meio rural, trabalhou em tudo, sendo até "gerente de empreiteiro". A principal atividade, que ele exerce, neste perímetro, como carroceiro, é o catar papel, mas admite que: "*...trabalha como carroceiro também... catá papel, catá intuio, faz de tudo, qualquê serviço de carroceiro que vié... o que vié nóis faiz... mas num tendo agente catá papel... num te serviço*".

Wilson Pereira de Jesus[23] é casado, tem 57 anos de idade, quatro filhos e é, também, morador do bairro Lagoinha. Este senhor é primo de **Joaquim Sebastião Filho** acima citado; trabalha com carroças e realiza as mesmas atividades enumeradas pelo senhor Joaquim. Viveu sua infância na roça, construiu sua casa durante a administração Zaire Rezende (1983-1988), sonha em ter um lugar, onde possa plantar, criar animais e cuidar dos filhos. Enquanto isto, segundo ele mesmo, está: "***correndo mundo...***".[24]

---

[20] Dados fornecidos por Ana Mágna Silva **Couto**. Tais referências foram retiradas de textos produzidos para o curso de mestrado da PUC/SP.

[21] Concedeu a entrevista em **29 de junho de 1997**.

[22] Tais como indenizações e repasse de propriedade a quem trabalha por mais de cinco anos em uma mesma localidade rural.

[23] Concedeu a entrevista em **29 de junho de 1997**.

[24] Esta frase, retirada de uma de suas falas, tornou-se título do trabalho, devido a amplitude que esta idéia pode remeter, quando referida a um ofício que tem a necessidade de percorrer grande parte do espaço urbano para ser realizado.

A entrevista realizada com o senhor Wilson foi a primeira da qual participei[25] e de certa forma reordenou as expectativas, que havia apontado em meu projeto inicial de pesquisa. A forma de se expressar[26], a vivacidade de suas experiências, as peculiaridades apontadas em sua entrevista fizeram, desta, uma fonte bastante significativa para este trabalho. Suas falas percorreram um amplo conjunto de temas, apresentando concepções e perspectivas bastante interessantes a respeito do trabalho com carroças e vivências particulares no meio urbano.

Porém, não considero uma entrevista como a central ou a mais reveladora entre as aqui referidas[27]. Acredito que as experiências, relatas durante a produção das documentações orais, sejam de extrema importância para se conhecer modos de vida e de trabalho de pessoas que se mantém por vias de um ofício peculiar, e que para determinados ramos da academia possuem méritos secundários[28].

O uso das fontes orais, propiciou o alcance de alguns objetivos postos no projeto de pesquisa, os quais são: a elaboração de documentos, que propiciassem as inserções destes sujeitos na construção de debates e textos historiográficos; a releitura de relações sociais por meio das experiências de vida dos próprios trabalhadores; a oportunidade de se dar voz aos envolvidos, fazendo com que os "costumes" —por eles referidos— fossem respeitados e tidos como objetos centrais de discussão; etc.

Creio que tais fontes tenham trazido, com riqueza, a presença dos próprios trabalhadores para a História, por meio de uma de suas mais preciosas "tradições": a linguagem, através da fala. Penso que a **tradição oral**, além da chance de se registrar um

---

[25] Esta fora conduzida pela pesquisadora Ana Mágna Silva **COUTO**.
[26] Englobando aqui: linguagem, olhares e gestos.
[27] Talvez, a leitura desta monografia propicie a sensação de que alguns sujeitos tenham sido privilegiados (com um número mais amplo de falas) frente a outros que menos parecem se destacar. Mas, posso afirmar que todas as entrevistas realizadas, foram igualmente responsáveis pelas análises aqui feitas.
[28] Adiante traçarei uma discussão a este respeito (ver "A perspectiva da Informalidade")

documento daqueles que não saibam utilizar a palavra escrita[29], seja um caminho para se encontrar angústias, expectativas, interpretações, sonhos, vivências, sentimentos e valores dos sujeitos. Tal circunstância representa um redimensionamento de foco às pesquisas relativas aos modos de vida e trabalho, apresentado àqueles, que se dispõe a registrar as experiências de determinados sujeitos, um **aprendizado** incomum, proveniente dos próprios entrevistados.

Tais questões retornarão ao debate durante o decorrer dos capítulos. Mesmo assim, acredito ser necessário mencionar a maneira que este trabalho encontra-se organizado. Nesta **introdução** tem-se ainda uma discussão "**teórico-metodológica**", na qual aparecerá algumas referências que tornaram-se importantes na discussão de determinadas análises. Estará presente ainda, uma "**perspectiva de abordagem**", que ressalta uma certa **tradição** do ofício de carroceiro (enquanto perspectiva de um modo de vida). E, em contrapartida a este aspecto, encontra-se referências a uma outra linha de abordagem em relação ao trabalho autônomo, "**a perspectiva da informalidade**", que ao meu ver traz inferências diferenciadas.

No capítulo intitulado "**Modo de vida e Trabalho com carroças**" estará sendo discutido aspectos da moradia e da vizinhança, em conjunto com o trabalho. O capítulo posterior, "**O Trabalho enquanto Modo de vida**", tratará de alguns aspectos do trabalho, apontando: questões éticas e morais referidas ao ofício, às maneiras, que estes sujeitos encontram-se organizados, e aos conflitos a que estão submetidos. Por último, tem-se uma discussão sobre as tentativas de controle e transformações ocorridas nesta profissão no últimos trinta anos[30]. Tal capítulo denomina-se: "**Trabalho de carroceiro: Construção Cotidiana**".

---

[29] Só por esse motivo, esta já seria bastante importante.

[30] Período enfocado pela pesquisa. O corte cronológico desta (1970-1999) não diz respeito a marcos delimitadores; coincide de determinada forma ao período de migração de alguns entrevistados à cidade de Uberlândia.

ALGUMAS REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Tentarei, brevemente, apontar algumas referências que tornaram-se base de discussão e reflexão nos encontros promovidos pelo projeto[1]: "**A Experiência dos Trabalhadores na Constituição das Relações Sociais no Espaço Urbano de Uberlândia (1950/1999)**". Afirmo que o motivo em ser sucinto neste aspecto, diz respeito a própria forma de se fazer uso de uma dada referência. A proposta deste projeto era (e, em particular, desta pesquisa é) de se manter um diálogo entre a pesquisa empírica e alguns pressupostos colocados por historiadores que se preocupam com discussões sobre o Trabalho e as análises sociais.

Em nenhum momento, houve a busca de confirmações de teorias, ou encaixes e transposições de conceitos à pesquisa que aqui demonstro. Busquei, dentro dos mais variados temas, a percepção e a interpretação dos próprios trabalhadores frente aos contrastes e às contradições por eles vividas cotidianamente. Tais atitudes, em relação ao questionamento do manancial teórico existente, é fruto de discussões já postas anteriormente por pesquisadores como Edward Palmer. **THOMPSON**, Eric J. **HOBSBAWM**, Raymond **WILLIANS**, entre outros, que após o rompimento com o partido comunista[2], começam a reler e a repensar sobre os propósitos que o marxismo "ortodoxo" estava representando para a academia, para os partidos políticos e para os trabalhadores em geral.

Esta nova abordagem traz oportunidades a **História Social** de reelaborar posturas políticas, antes assumidas, e enfocar novos sujeitos e novas temáticas. Propicia novas

---

[1] Acredito que, por se tratar de um projeto coletivo, as discussões levantadas e os debates referentes a vida e ao trabalho dos sujeitos enfocados, já tenham sido (inicialmente) um grande referencial metodológico para este trabalho e, ao mesmo tempo, teórico para minha formação enquanto pesquisador.

[2] Principalmente devido as exposições dos crimes de Stalin, em meados da década de 50.

interpretações às resistências e aos conflitos existentes na sociedade, os quais não eram considerados importantes para o amplo movimento dos trabalhadores, e pareciam ineficazes frente a postulados de alternativas de transformações político-ideológicas.

Neste aspecto, a leitura de autores (como os citados acima) propiciam mais uma inspiração ao processo de investigação histórica, do que realmente um paradigma de interpretação. Creio ser esta uma das discussão pautada por **THOMPSON**, em **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros**, no qual este escreve:

> **"A noção da teoria é como uma praga que se tivesse instalada na mente" (...) "a procura da segurança de uma teoria perfeita, totalizada, é uma heresia original contra o conhecimento".** [3]

As obras de **THOMPSON** trazem para as análises desta pesquisa, a influência de se buscar trabalhadores não caracterizados por militâncias ou inseridos em movimentos organizados. Suas análises diante a *formação da classe operária inglesa*, ou em discussões sobre o caráter e a utilização das leis, enquanto palco de conflitos[4], abriram-me novos argumentos para trabalhar com a pesquisa que me dispus[5]. Neste sentido, concordo aqui com a observação de Jorgetânia da Silva **FERREIRA** sobre a obra deste autor:

> **"A meu ver a proposta de Thompson é essencialmente revolucionária. Fazer a História, levando em contas a experiência humana das classes oprimidas é mudar, não só o objeto privilegiado da História oficial, mas também a forma de abordar esse objeto".** [6]

HOBSBAWM tornou-se também um importante referencial, tanto em suas obras investigativas quanto em suas opiniões e concepções sobre História. Considero sensata a forma como este historiador percebe as utilizações do marxismo atualmente, definindo este

---

[3] Ver E. P. **THOMPSON**. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros**. Zahar Editores. RJ 1987.
[4] Ver E. P. **THOMPSON**. **Senhores e Caçadores.** Paz e Terra, RJ. 1987.
[5] Tais referência as obras de **THOMPSON** e demais outros autores serão discutidas posteriormente, a medida que aparecem nos textos.
[6] Jorgetânia da Silva **FERREIRA**, **Trabalhadoras Doméstica: Múltiplas faces do Cotidiano Uberlândia 1970/1997**. Mimeo. UFU - MG - 1997.

"método" enquanto "*pluralista*"[7], sendo assim, aberto a novas concepções e temáticas. O pluralismo, apontando por **HOBSBAWM**, é uma maneira de retomar o **marxismo** enquanto início e não uma finalidade preconcebida nos trajetos da pesquisa historiográfica. Assim,

> **"...uma vez no tocante ao passado uma das nossas tarefas consiste em descobrir o que foram a vida e os pensamentos de pessoas comuns e resgatá-las do que Edward Thompson chamou de "enorme condescendência da posteridade", o nosso problema no presente é também o de eliminar suposições igualmente presunçosas daqueles que pensam que conhecem os fatos e as soluções e que tentam impô-los ao povo".** [8]

No decorrer da pesquisa, tomei contato com o livro: **As utilizações da Cultura** de Richard **HOGGART**[9], esta obra propiciou-me novos ângulos de observação do cotidiano dos trabalhadores carroceiros. Como também, deixou-me mais atento em relação as formas de moradia, as relações de vizinhança e de amizade, que estes sujeitos cultivam no decorrer de suas vivências na cidade. Creio que a leitura desta obra seja fundamental para se discutir o que vem a ser *modos de vida*, como também, a importância destes para as análises historiográficas das experiências de trabalhadores pobres[10].

Como já referido, o diálogo com os referências acadêmicos, enquanto preocupação metodológica, foi melhor compreensível através do uso de **fontes orais**.

O **Núcleo de História Oral** desta Universidade, o qual participei durante o período desta pesquisa, vem levantando debates sobre os seguintes aspectos: a importância do diálogo entre a teoria e a pesquisa prática, melhores formas de uso da documentação construída no âmbito do exercício da pesquisa, questões éticas referentes a utilização destas fontes, além do estudo de textos concernentes a **memória** e a **prática histórica**. Estão postas também, discussões sobre obras de autores como: Diana Gonçalves **VIDAL**, Verena **ALBERTI,**

---

[7] Ver E. J. **HOBSBAWM. Sobre História**. Cia. das Letras. SP. 1998. (Pág. 184).
[8] Eric J. **HOBSBAWM. A Outra História —Algumas Reflexões**. São Paulo. Zahar. 1979.
[9] Ver Richard **HOGGART. As Utilizações da Cultura** – ***Aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a Publicações e Divertimentos***. Editorial Presença. 1973.
[10] **HOGGART** estará sendo melhor apresentado no tópico posterior ("**Tradição e Modo de Vida**") e discutido no decorrer dos textos.

Janaína **AMADO,** Aspasia Alcântara de **CAMARGO,** Déa Ribeiro **FENELON,** Marieta de Morais **FERREIRA,** Maurice **HALBWACHS,** Antônio Torres **MONTENEGRO,** Alice Beatriz da Silva Gordo **LANG,** Michael **POLLAK,** Raphael **SAMUEL**, Alistair **THOMSON**, entre tantos. Tenho a certeza que estes tornaram-se referências teóricas e metodológicas para todos os pesquisadores do *projeto coletivo*[11].

Considero, particularmente, que esta seja uma fonte que, como qualquer outra, necessita de cuidados e precauções. Não digo isso no sentido de se tentar filtrar as informações e utilizar apenas as verdadeiras, ou as mais importantes. Penso que a opção por se trabalhar com depoimentos orais —principalmente na conjuntura que este projeto coletivo esteve arquitetado— reflete à necessidade de construir registros dos sujeitos envolvidos, e de se estar disposto a considerar as ***subjetividades***, que esta espécie de documento, herdam no momento de sua constituição.

Vale lembrar que as fontes orais são produzidas em conjunto com os sujeitos; situação que permite o surgimento de novas temáticas e traz oportunidades para se reelaborar (através da memória) algumas vivências dos entrevistados. Esta espécie de fonte possibilita, também, a criação de um espaço para democratizar[12] (através das falas e perspectivas dos sujeitos[13]) as interpretações que o trabalho de pesquisa guarda, pois ao expor suas experiências, as pessoas estão mostrando uma dada compreensão das relações sociais e de suas próprias vivências, enquanto sujeitos inseridos em um determinado contexto histórico.

Entendo que algumas questões ainda necessitam ser melhores compreendidas, para que as fontes orais tornem-se melhores aproveitadas, enquanto recursos de pesquisa. Uma das questões, cobradas dos historiadores, que trabalham com documentos desta natureza, diz

---

[11] Referências das obras destes autores estão na "Bibliografia".

[12] Há uma discussão muito significativa a respeito da democratização da fala, através das fontes orais, feita por Mercedes **VILANOVA**. Ver: *Pensar a Subjetividade: Estatísticas e fontes orais*. In: **História Oral**, Marieta de Moraes (Org.), ed. Diadorim, RJ, 1994, pp. 45-74.

[13] Ver: João Carlos de **SOUZA**. **"Cultura e Valores: Representações dos Ocupantes de Terra na Zona Leste de São Paulo"**. Tese de Mestrado. PUC- SP. 1989. "A história oral tem a possibilidade de devolver a

respeito à **memória**. Sabemos que na trilha aberta por pesquisadores, que tratam das *pessoas comuns*, dos trabalhadores, dos mais *simples*, a memória enquanto **documento** (seja arquitetônico, seja escrito, seja pichações em muros, etc., etc.) sempre foi uma presença rara. "Monumentos"[14], em prol de grupos trabalhadores, poucas vezes se *sustentam* (ao ponto de se constituir referências *sólidas*), fato que limita recursos de fonte para os historiadores. Sei que as controvérsias, em relação as fontes orais, não tratam desta espécie de **memória**. Mas resolvi iniciar deste ponto, para tentar demonstrar que (qualquer que seja) a **memória** não é passível de neutralidade, tornando-se espaço de conflitos e conquistas. Segundo Michael **POLLAC**:

> **"...Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à 'memória oficial', no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade".**[15]

Esta **memória**, dos grupos excluídos, torna-se argumento de resistência a esta ampla *memória oficial*, que não condiz às experiências destes sujeitos.

Referindo-se às maneiras pelas quais a **memória humana** se comporta, admite-se que esta apresenta-se cercada (para os historiadores) de incógnitas. Maurice **HALBWACHS**[16] contribui bastante a esta discussão, ao perceber que a **memória** *funcionaria*, também, de

---

palavra aos que não tem outros espaços e, o poder, de dizer, é constitutivo de novas imagens. Possibilita ver como se percebem, a auto-imagem sobre a qual poderão refletir suas ações" (*Pág. 23*)

[14] Aqui entendidos enquanto marcos, documentos, manifestos, locais de encontro, etc., *levantados* por trabalhadores (ou por estes usados). Há uma discussão a este respeito em: Madeleine **RÉBÉRIOUX**. *Lugares da Memória Operária*. In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**, SP. SMC/DPH, 1992. Déa Ribeiro **FENELON** defrontou-se com este assunto de uma forma *prática* quando iniciou (através de grupos de trabalhadores, moradores de bairros (ditos) periféricos, de movimentos sociais) um trabalho de localização e de demarcação de ***monumentos*** representativos para estas pessoas, durante o governo municipal de Luiza Erundina (PT- 1989 - 1992) na cidade de São Paulo. Em seu trabalho, começou a indicar o *tombamento* de caixas d'água, de primeiras casas construídas em ocupações de lotes urbanos, entre outros. Tal iniciativa perturbou arquitetos e alguns segmentos da população, pois para estes grupos, *lugares* desta espécie não poderiam encaixar dentro do *patrimônio histórico* desta referida cidade.

[15] Ver Michael **POLLAC**, *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: **Estudos Históricos**, RJ, Vol. 02, n.º 05, 1989 (*Pág. 13*).

forma coletiva (estando inserida a vivências em determinados *grupos*[17]). Este autor, ao separar **memória** de **história**, recoloca uma situação fundamental: a memória, seja qual for sua origem, torna-se útil enquanto substrato para o trabalho de reflexão do historiador[18]. A fonte não é por si só o elemento histórico. O pesquisador, neste sentido, é o sujeito que realiza o trabalho investigativo, e que eventualmente registra (de acordo com pressupostos particulares) determinados *fatos*. Segundo **MONTENEGRO**,

> **"o campo da memória se construiria, dessa maneira, a partir dos acontecimentos e dos fatos que também se transforma em elementos fundantes da história. Mas, enquanto a memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, recebendo todo um recorde cultural, temático, metodológico a partis do trabalho do historiador".**[19]

Além do fato de se compreender a **memória** enquanto substrato para o trabalho historigráfico, entende-se que o produto dela extraído é essencialmente **subjetivo**. Neste parâmetro, o diálogo entrevistador/sujeito deve ser conduzido com extremo cuidado, pois está-se trabalhando com sentimentos, sonhos e perspectivas de pessoas. É certo que esta **subjetividade** abre novas perspectivas de abordagem e de análise. Mas, devem ser consideradas as limitações **éticas**[20], que o ofício de historiador propõe. Concordo com Ana Mágna Silva **COUTO**, quando ela escreve:

> **"Quando falamos em uso da fonte oral, não podemos ignorar as dificuldades existentes. Além da questão metodológica, isto é, realizar a entrevista, transcrever, digitar, analisar, é preciso ainda, atentar para o uso que fazemos da entrevista, afinal estamos lidando com**

---

[16] Ver Maurice **HALBWACHS**. **A Memória Coletiva**. SP. Vértice. 1990.

[17] Tomando, neste sentido, um contexto social.

[18] Antônio Torres **MONTENEGRO**, ao realizar uma discussão a este respeito (ver: **História Oral e Memória *a cultura popular revisitada***. SP. Contexto. 1992), percebe que, apesar da "perspectiva histórica de **HALBWACHS** guardar enormes distâncias com a forma como vem se desenvolvendo crescentemente a pesquisa histórica"(...), "sem dúvida, concordamos quando (este) estabelece uma distinção entre memória e história", pois "a história opera sempre com o que está dito, com o que é colocado *para* e *pela sociedade*, em algum momento, em algum lugar. Desses elementos, o historiador constrói sua narrativa, sua versão, seu mosaico. Este fato evidente se apresenta bastante distinto do que foi vivido; no entanto ele se ancora nos elementos resgatados da realidade, em outras histórias já produzidas". **MONTENEGRO**, op. cit. (*pág. 19*).

[19] **MONTENEGRO**, op. cit. (*pág. 20*).

a experiência de sujeitos, que são seres humanos e isso exige de nós, sensibilidade, respeito e ética. Possivelmente por isso, o fato de utilizarmos fontes orais, geralmente assume uma dimensão significativa nos resultados obtidos pela pesquisa. Embora possa estar presente no senso comum, idéia de que trabalhar com a fonte oral implica somente em realizar a entrevista, nossa experiência tem nos mostrado que não é exatamente isso. Ao contrário, é preciso um diálogo constante entre a teoria e a prática, e o entrevistador/pesquisador precisa estar aberto ao diálogo também, a fim de rever seus pressupostos e transformá-los, se a realidade se apresenta agora, de um modo diferente, uma vez que esta é muito dinâmica".[21]

Há de referir também, que o uso do termo: **fontes orais**, deve-se ao modo que o projeto coletivo concebe a natureza deste material. Entendemos, que não estamos fazendo uma **História Oral**[22], mas sim, munindo-nos de mais um recurso de pesquisa. Porém, consideramos que, ao usar este recurso, estamos tomando uma determinada postura política, a medida que inserimos novos sujeitos no debate historiográfico. Ou seja, entendemos que o uso de **fontes orais** recompõe os entendimentos e as versões de mundo de um determinado grupo. Neste trabalho, tentamos dar voz aos que, por muito tempo, encontraram-se destituídos de registros a respeito de seus modos de vida e de suas "experiências". Ao fazer isto, abrimos espaço para que as pessoas prestassem depoimentos a respeito de suas trajetórias de vida, de suas perspectivas frente a sociedade que vivemos, do cotidiano, de seus ofícios, sobre as relações de vizinhança, entre outros. Fato este, que proporcionou-me novas reelaborações conceituais e políticas acerca dos conflitos e das relações sociais que estes trabalhadores se inserem.

Além das **fontes orais**, este trabalho utilizou outros documentos referenciais, tais como jornais, cadastros de carroceiros, panfletos da prefeitura, etc. Porém, o uso destes

---

[20] Acredito não haver uma legislação específica para este tópico, mas creio que cada pesquisador reconheça e pratique suas próprias concepções a este respeito.

[21] Ver: Ana Mágna Silva **COUTO**. **"Os Catadores de Papel, práticas e intervenções na Cidade: Uberlândia, 1970/1997"**, monografia de conclusão de curso, UFU. 1997.

[22] Entende-se, neste aspecto, apenas o uso de documentos orais. Janaína **AMADO**, Diana Gonçalves **VIDAL**, entre outros pesquisadores brasileiros compõem um grupo que radicalmente optou pelo uso de entrevistas, considerando-se praticantes uma **História Oral**.

outros materiais surgiram como referências dos contatos realizados com estes trabalhadores. Pois, como será apresentado, a intenção desta pesquisa é a de propor análises do cotidiano, sob a perspetiva dos modos de vida dos referidos sujeitos.

PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM

Tradição e Modo de Vida

Há registros que remetem a existência da atividade de carroceiros, na cidade de Uberlândia, ao início do século. Essa longevidade foi garantida, e ainda acredito ser, pela necessidade de se movimentar mercadorias, por responder a demandas na prestação de serviços a comunidade local e pela possibilidade de manutenção de um determinado modo de se viver.

Devido ao corte cronológico proposto, não atentei-me a investigar com mais profundidade as relações sociais provenientes da atividade assinalada em anos mais remotos, entretanto não descarto a possibilidade de discutir, neste sentido, em outra oportunidade. Não posso deixar de assinalar como importante referência bibliográfica e de análise contextual, o trabalho da professora Heloísa de Faria **CRUZ**[1]: "Trabalhadores em Serviço: dominação e resistência (São Paulo 1900/1920)", o qual trata das lutas e reações cotidianas de carroceiros, cocheiros, funcionários da Light, motorneiros, choferes de bonde, funcionários da limpeza pública e demais categorias existentes no período referido. Esta pesquisa tem a primazia de desvendar o papel do Estado enquanto regulamentador de relações trabalhistas, em uma época considerada — por segmentos da historiografia brasileira — como de total descontrole deste mesmo Estado, pré Getúlio Vargas, em assuntos desta ordem. Outra contribuição determinante desta obra é a de trazer para o debate historiográfico grupos de trabalhadores até então considerados secundários nas análises sociais (por não estarem nos privilegiados

[1] Ver obra de Heloísa de Faria **CRUZ**: "**Trabalhadores em Serviço: dominação e resistência (São Paulo 1900/1920)**". SP. Marco Zero, 1991.

circuitos dos operários fabris) e inofensivos aos interesses da lógica e funcionamento do capitalismo deste determinado momento.

A pesquisa da professora **CRUZ** mostra a importância dos carroceiros para o desenvolvimento do capital urbano paulista (através das movimentações de produtos), como também para as resistências frente às explorações sofridas pelos trabalhadores (através de suas paralisações e greves conjuntas com demais categorias). E é fruto de um determinado período reconhecido e delineado por diversas greves, as quais representavam (ou fizeram-se representar pela historiografia) ideologias diversas/divergentes e tendências variadas de organização sindical e política.

Neste momento, os carroceiros possuíam uma importância crucial no trafego de mercadorias, portanto suas paralisações anestesiavam o comércio, as "fábricas", a atividade agrícola, entre tantos, interferindo na organização da estrutura do mercado capitalista da São Paulo de então[2].

As relações socais vividas pelos carroceiros, nas primeiras décadas do século XX, em Uberlândia, podem, eventualmente, guardar algumas semelhanças com as práticas de "resistências" estudadas por Heloísa de Faria **CRUZ** na obra referida; necessitamos de pesquisas nesta direção para se ter uma perspectiva mais consistente desta relação. O que pode-se afirmar com certeza, é que esta profissão já existia no começo do século, e que esta possuía fundamental importância no transporte urbano, como podemos notar em registros apurados em "Códigos de Posturas"[3].

---

[2] Como uma distante analogia teríamos a *greve* dos caminhoneiros brasileiros em agosto de 1999.

[3] Como exemplo de comprovação da existência destes trabalhadores temos a *Lei n.º 24 de 10 de Abril de 1901* ("Art. IV - Si qualquer pessoa contratar com um cocheiro para conduzir em seu carro, com hora marcada, e dentro do prazo convencionado servir-se de carro de outro cocheiro para a mesma viagem, ficará obrigada a pagar ao cocheiro com quem primeiro contratou. /Art. V – Salvo caso de família, nenhum cocheiro poderá conduzir mais de 4 pessoas em seu carro. /Art. VI – O cocheiro que contratar a condução de qualquer pessoa para a dita Estação ou qualquer ponto e na hora convencionada não comparecer e causar prejuízo à pessoa ou adiamento da viagem, será logo multado na quantia de 30$000 e o dobro nas reincidências".) e o "Regimem Tributário da Câmara Municipal de Uberabinha de 1912", que roga: "Carroça ou Carroção trafegando a frete:25$000/ Carroça ou Carroção para uso do dono: 5$000/Carrinhos torcidos por um só animal, para entrega

Acredito que o caráter antigo desta atividade, possa ter possibilitado uma gama imensa de situações, as quais os carroceiros tenham enfrentado, tais como: modificações nos códigos de postura, tentativas de controle (por intermédio de placas), intervenções de várias secretarias municipais em suas práticas cotidianas, o surgimento de concorrentes (como no caso das caçambas e "carros" de frete), entre outras. Penso ser significativo as ocorrências e as transformações que infligiram sobre este ofício no decorrer dos anos. Mas, creio ser mais expressivo ainda, o fato desta forma de trabalho ainda existir de maneira tão numerosa e presente no espaço urbano contemporâneo, diante das características do atual mercado de trabalho e da conjuntura política dominante nesta região.

Em minha concepção, estamos aqui tratando de uma atividade **tradicional**; aspecto que julgo como elemento diferenciador em relação a outras formas de sobrevivência consideradas "informais".

O termo tradicional, por si só, nada representa; e mesmo defini-lo de forma conceitual tornar-se-ia uma tarefa não muito útil. No atual mercado de trabalho capitalista, se fosse possível empregar a este termo um sentido prático e conciliador, certamente não conseguiríamos; pois as profissões não mantém-se vivas pela conveniência do tradicional (por serem "antigas" ou por terem contribuído para a constituição de um dado modelo econômico de sociedade), estando, ao contrário disto, submetidas a complicados esquemas de competitividade, de intervenções corporativas, de inovações tecnológicas/estéticas, entre tantos. Então, como e por que considerar o aspecto tradicional no contexto da análise aqui colocada?

Em primeira instância, não pode ser desprezado o fato desta atividade possuir um conjunto de valores de ordem prática e de costumes próprios. Em minha percepção, este ofício possui princípios que precedem as realizações das tarefas. Estes, no entanto, são

---

de cerveja, lenha, verduras, gelo, leite, pão, para uso do dono: 5$000". Código de Postura – 1903 e 1913 respectivamente. Tais fontes são encontradas no Arquivo Público Municipal.

delineados por saberes específicos, que acredito ser, inerentes aos modos particulares de vida dos trabalhadores.

Foi acima referido *atributos próprios* da atividade (dos quais se exige um domínio), como exemplo destes pode se apontar: o selar e ferrar o animal, o conduzir o veículo, o cuidar da saúde e da acomodação dos cavalos (ou das éguas), etc.[4] Tais aptidões são assimiladas e aprendidas por intermédio de uma convivência familiar ou comunitária, e sua aprendizagem requer uma ambiência material (manutenção das necessidades de sobrevivência) e moral (arraigadas de valores e costumes próprios) previamente estabelecidas.

Como estes afazeres estão intrinsecamente ligados aos hábitos, à vida material e aos valores morais das pessoas que exercem tal trabalho, acredito que a atividade com carroças faça referências a uma maneira específica de se viver no perímetro urbano.

Ao meu ver, percebe-se a influência deste trabalho na vida dessas pessoas, quando observa-se as casas, os bairros, as relações de auxílio mútuo, e, certamente também, através das "experiências" advindas da prática cotidiana deste — através de embates no trânsito, da busca pelo *ganha-pão*, do burlar das fiscalizações, etc.

Para Raphael **SAMUEL**, estas "experiências", surgidas na forma e na rotina do trabalho, seriam o que modela e direciona as existências diárias; escreve ele:

> **"(...) A empregada e o carpinteiro, mesmo quando eventualmente se casam, terão sido modelados por experiências de trabalho fortemente contrastantes: um terá conhecido apenas o amparo protetor da casa grande, enquanto o outro, apesar de qualificado, terá seguido uma vida nômade de empreitadas, rodeado de inseguranças (numa vila do campo, por exemplo, será perseguido quando suas militância sindical for conhecida); uma dependeria de uma recomendação pessoal na hora de trocar de emprego; o outro apoiar-se-ia no boato informal dos trabalhadores nas construções civis. Mesmo com o casamento, sua visão do mundo, modeladas por experiências tão diferentes não seria de modo algum a mesma".**[5]

---

[4] Observa-se através das memórias dos entrevistados que estas tarefas não sofreram (e não estão sujeitas a) grandes transformações e mudanças.

[5] Ver Raphael Samuel. *História Local e História Oral.* In: **História em Quadro-Negro.** ANPUH. Set.89/ fev. 90.

Creio ser representativo o uso das "experiências", para se pensar a organização dos valores destas pessoas, para inteirar-me de suas análises em relação a vida na cidade, e para tentar compreender as maneiras de se intervir na construção espaço urbano.

Os modos de vida, experimentados por grupo trabalhadores pobres, refletem na forma de se educar os filhos, nos hábitos alimentares, nas atitudes morais frente aos percalços colocados pelas contradições do capitalismo, nas relações de vizinhança e de bairro, nas expectativas religiosas, etc., tais modos seriam o que considero, neste contexto, como argumentos para se considerar esta profissão enquanto tradicional.

Para muitos pesquisadores, estas maneiras de comportamento estão dentro do perímetro conceitual de **cultura** (ou "cultura dos trabalhadores", ou mesmo "cultura popular"). Há obras, de grande importância para a análise social, que usam com perspicácia este conceito; dentre elas podemos assinalar a contribuição de Mikhail **BAKTHIN**[6], que ao analisar os textos de François Rabelais, sob a ótica do riso e das festividades medievais, consegue perceber na "cultura *cômica* popular" elementos de contestação e resistência a "oficialidade" religiosa do período. Segundo **BAKTHIN,** o riso (representante desta "cultura popular") torna-se uma "*vitória sobre o medo*", e mesmo durando pouco dias (de festas realizadas em praças públicas) formava uma verdade diferente sobre o mundo e sobre o homem; destacando um contraponto frente a formalidade e ao caráter "oficial" da "esfera da ideologia medievalista". Para se visualizar a importância destas análises, basta considerar que estas motivaram interpretações do historiador italiano Carlo **GINZBURG**, sobre o aspecto da "circularidade" (entre grupos) que a cultura poderia assumir; proposta utilizada no trabalho:

---

[6] Ver Mikail Bakhtin. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – *O Contexto de François Rabelais***. HUCITEC/ed. da UNB. 1993.

Os Queijos e os Vermes, realizado a partir de documentos escritos por um moleiro em um processo inquisitório[7].

Richard **HOGGART**, a quem voltarei a me referir várias vezes neste trabalho, possui também uma valiosa contribuição a este debate, ao detalhar pontos de comportamentos e hábitos das pessoas das "classes proletárias", leva o leitor ao encontro dos bairros, do "*chá*", dos clubes, mercearias, interiores e mobílias de casas, maneira de falar de uma parcela de trabalhadores ingleses. São vivas as exemplificações deste autor, no que refere a ambientação e a prática dos modos de vida destas *classes*; ao se referir ao chá (pelo menos) de Domingo, diz ele:

> **"Os petiscos mais apreciados são geralmente as miudezas – morcela, pezinhos de porco, fígado, mãozinhas de vaca, tripas, chouriço, dobrada (e, nos dias de festa, empadão de porco, prato muito apreciado); ou ainda os petiscos comprados na peixaria – camarão, ovas, arenque e amêijoas. Em nossa casa a comida era frugal durante os dias de semana; primeiro almoço tínhamos pão com molho de carne, ao almoço um guisado simples; à hora do chá as pessoas mais velhas tinham algum petisco, mas sempre uma coisa barata".**[8]

É interessante notar como **HOGGART** a partir de suas próprias experiências de infância, enquanto membro de uma família proletária, investiga e escreve a respeito — do que chama — de "*cultura popular*" ("*cultura urbana*" e "*folclore mais simples das classes proletárias*"). Em sua concepção, esta cultura relativa à classe apresentada (e por ele vivida) é influenciada por — como também influência — "outras classes"[9] e vêm transformado-se/deteriorando-se com o passar dos anos. Segundo ele:

> **"O próprio fato de estar pessoalmente em causa apresenta perigos consideráveis. Afigura-se que as modificações (...) tendem, até este momento, a fazer com que as classes proletárias estejam a perder muito do que sua cultura havia de válido, lucrando pouco com essa evolução. Tanto quanto me é possível julgar objetivamente o assunto é**

---

[7] Este *fenômeno* da "circularidade" está apresentado no prefácio da edição italiana de: Carlo Ginzburg. **O Queijo e os Vermes"**. Cia das Letras. 1991.

[8] Ver Richard Hoggart. **As Utilizações da Cultura – *Aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a Publicações e Divertimentos.*** Editorial Presença, 1973. (*Pág.* 47).

essa minha opinião. Contudo, ao escrever, encontro-me constantemente na obrigação de resistir a uma forte pressão interior que me leva a encarar o antigo como muito mais admirável que o novo, e o novo como algo de condenável, sem que para tal me baseie na minha compreensão consciente do material de que disponho. Estou pois a olhar esse material através da lente deformadora da nostalgia: fiz o que me foi possível para obstar aos seus efeitos".[10]

Os textos de **HOGGART**[11], **BAKTHIN** e **GINZBURG** possuem suas particularidades e seus contextos próprios (resguardando o fato de estarem estes autores analisando em perspectivas diferentes e participarem de ramos diferenciados do conhecimento), a intenção aqui não é a de uni-los ou compará-los, muito menos apropriar de seus "conceitos". Ao citar esses pesquisadores, tenho apenas a intenção de apontar algumas singularidades das discussões sobre cultura popular. Como se pode observar, estas obras fazem uso de alguns dispositivos (tais como "circularidade" e "transformação"), os quais não tenho a condição de utilizar neste trabalho, por razões do próprio intuito da pesquisa e de faltar-me um maior estudo em relação à "Cultura".

O termo possui um amplo poder de alcance; podendo representar formas singulares de reações e resistências de grupos populares frente a exploração e a ideologia de grupos dominantes, como também manifestações artísticas e religiosas de vários segmentos urbanos e rurais. Tem a possibilidade de demarcar posicionamentos morais, de costumes, de expectativas e de interpretações peculiares de mundo e de relações sociais.

"Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre um troca entre escrito e o oral, entre o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sobre uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe, ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um "sistema". E na verdade o próprio termo "cultura", com sua

---

[9] Ver exposição sobre "*superstições*" em **HOGGART**. *Op. cit. (Pág.38).*

[10] HOGGART. *Op. cit. (Pág. 21).*

[11] Este autor tornou-se de grande inspiração para as reflexões e para a escrita deste trabalho; as minúcias e o olhar atento a vida da classe trabalhadora inglesa (com seus hábitos e costumes) revela um modo de vida peculiar, que por muito passou "imperceptível" a grande maioria dos historiadores sociais. Mesmo não utilizando o termo "cultura popular" (o qual este autor usa) valerei-me de algumas de sua análises para pensar o viver, o morar e o trabalhar com carroças em Uberlândia.

invocação confortável de um consenso pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e aposições existentes dentro do conjunto".[12]

O historiador Inglês E. P. **THOMPSON,** em reflexões apresentadas na coletânea "*Costumes em Comum – Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional*", procura discernir algumas atitudes de "costumes" (referida a grupos de trabalhadores), de "Cultura Popular"[13]. Segundo ele, estes comportamentos possuem um caráter que transita entre a resistência (preservação de maneiras de se viver) e a moralidade (adultério, variações no preço de alimentos), justificando até mesmo, em algumas situações, intervenções na legislação através do direito consuetudinário. Para **THOMPSON,** as análises dos costumes (enquanto manifestação da "Cultura Popular") devem ser localizadas "*dentro de contextos históricos específicos*" e no patamar das relações materiais em que são vividos.

Ao utilizar o termo "tradicional", interligando trabalho e modo de vida, como dito acima, espero referir-me a apenas um dos vários "*componentes constitutivos*" do grande "*feixe*"[14] da "*cultura popular*". Entendo que esta tradição está sujeita a modificações por intermédio de vários fatores (tais como: influências dos meios de comunicação, mudanças na legislação referente a atividade, entre outros), contrariando o que a idéia primeira que o termo tradicional possa remeter. Espero correlacionar a este "*componente constitutivo*", as "experiências" e alguns "costumes" dos trabalhadores/sujeitos desta pesquisa.

Mas, como o caráter tradicional se manifestaria no trabalho e no modo de vida destas pessoas no interior do atual contexto histórico e na instância material a que estão submetidas?

Penso ser significativo para tanto, analisar (como já dito anteriormente) a própria organização cotidiana do trabalho e da maneira de se viver destes carroceiros. Sendo importante ressalvar que as "experiências" aqui colocadas dizem respeito a grupos

---

[2] Ver E. P. **THOMPSON. Costumes em Comum. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional.** Companhia da Letras, 1998.*pág. 17.*

[3] Em sua concepção o "costume" é uma manifestação dentro da "Cultura Popular". *Op. cit., pág. 13.*

[4] Como indicado por **THOMPSON**, no texto acima referido.

heterogêneos entrevistados[15]; o que tornaria difícil alguma espécie de generalização. Mas, creio que esta limitação não desqualifica a proposta inicial desta pesquisa, a qual é a de registrar o modo de vida de trabalhadores carroceiros.

Torna-se necessário então apontar, com maior especificidade, os itens que serão apresentados para esta intenção. O modo de vida estará aqui representado pela vertente da moradia (da importância do lar enquanto local de partilha de "experiências", de apoio intrínseco a atividade, de aprendizado e de vivências de costumes), dos bairros (enfocando aqui o "Lagoinha" e relações de vizinhança), do trabalho e de *expectativas* frente as contradições urbanas.

Ao fim desta apresentação, espero poder demonstrar como alguns carroceiros vivem nesta cidade, e o quão representativo torna-se suas "experiências" para o debate da atual conjuntura do mercado de trabalho.

[15] Não houve critérios de seleção para estas entrevistas, apesar de serem feitas (em sua maioria) com moradores do bairro Lagoinha. Devo ressaltar também que algumas destas foram realizadas pela pesquisadora Ana Mágna Silva Couto; durante o trajeto da pesquisa sobre modos de vida de trabalhadores "catadores de papel".

A PERSPECTIVA DA INFORMALIDADE

Não são poucas as vezes que nos deparamos com o termo "trabalho informal", o qual é usualmente utilizado para definir atividades como a dos carroceiros, catadores de papel, ambulantes, entre outros.

Particularmente, entendo que esta forma, de se conceituar uma atividade, deva-se encaixar no arcabouço teórico da economia ou do direito, pois nestes espaços acadêmicos, tornou-se comum delimitar o **informal** enquanto trabalhador desprovido de vínculos empregatícios e de carteira assinada[1].

Esta "informalidade" revela-se útil, também, ao referir-se aos trabalhadores recém desempregados (liberados do trabalho formal), que buscam a sobrevivência em atividades esporádicas e em muitas situações passageiras.

No atual momento histórico, a chamada **economia informal** abriga um quantitativo expressivo de trabalhadores[2], que originaram-se em parte (aos olhos da imprensa, de sindicatos e de economistas) do desemprego estrutural. Pressupõe-se que tal desemprego fora

---

[1] A definição de "Trabalho Informal" é por si própria muito confusa, havendo várias abordagens e diferentes pontos de vista. O IBGE (Instituto Brasileiros de Geografia e Estatística) usa o conceito adotado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) que seria: "toda a atividade em que não há distinção entre o núcleo familiar e o negócio". "Ou seja, mesmo que haja separação física, como uma pequena loja, a organização da 'empresa' não permite ao dono saber o que é patrimônio próprio e o que é dinheiro investido em sua fonte de renda". Fonte: Jornal **FOLHA DE S. PAULO**. 09/07/1999. 2º caderno. Página 2.

[2] Segundo dados do IBGE (1997): Mão-de-obra empregada no setor informal: 12,87 milhões de pessoas ou 25% da população do país; 8% de participação no PIB, rendimento médio de um trabalhador informal: R$ 240. Este instituto aponta como "Concentração da Informalidade": "Por Região: Norte: 5%, Centro-Oeste: 7%, Sul: 15%, Nordeste: 27%, Sudeste: 47,5%. Por atividade: Transporte: 6,7%, Alojamento e alimentação: 8%, Serviços Técnicos: 11%, Industria de Transformação: 12%, Construção Civil: 16%, Serviços: 20%, Comércio: 26%." Dados retirados do Jornal **FOLHA DE S. PAULO**. 09/07/1999. 2º caderno. Página 1.

criado pelas desventuras de um modelo político e econômico implantado, neste país, após os primeiros anos da década de 90.[3]

O excessivo número de trabalhadores, inseridos neste "mercado paralelo", gera várias discussões centradas em torno da qualidade de vida, do uso dos sistemas públicos (dos assim chamados "contribuintes"), da arrecadação de impostos, entre vários. Está posto, então, um período de se pensar e propor idéias, sobre a forma de organização dos trabalhadores, de se tentar compreender a estruturação de movimentos ditos "espontâneos"[4], de se perceber o papel do Estado para com os **desempregados** (seja através de seus mecanismos de "caridade", de "controle" e de "punição"), etc. Assim, tem-se aberta uma temporada de opiniões e de contextos teóricos, nos quais as diferentes áreas do conhecimento usarão os recursos, que lhe são melhores cabíveis, para delinear e opinar a respeito destas situações.

Acredito que seja importante notar, de acordo com estas circunstâncias, que as terminologias (subemprego, bico, quebra-galho, etc.), aceitas por vários segmentos acadêmicos para se designar os ofícios acima citados (e tantas outras áreas de trabalho existentes), correm o risco de ocultar —principalmente no cerne das análises históricas— as perspectivas e os conflitos sociais experimentados por estes trabalhadores, e acabam por escurecer a dinâmica das relações de trabalho, explorações e resistências vividas por estes sujeitos. Na crença de que estes conflitos e estas transformações sejam substratos para o reconhecimento de uma determinada conjuntura política e social de um período, penso que devam ser tomados como incertos, argumentos postos enquanto aparatos explicativos e imutáveis.

---

[3] "O plano Real completa cinco anos com um número recorde de pessoas desempregadas no país: 10,375 milhões, segundo projeção realizada pelo Datafolha. (...) Esse foi o maior percentual já registrado pelo instituto em uma pesquisa nacional". Segundo o jornal pesquisado, os trabalhadores destituídos de emprego "vivem de bicos, serviços esporádicos ou, na melhor das hipóteses, como assalariados sem registro". Fonte: Jornal **FOLHA DE S. PAULO**. 27/07/1999. Especial –1 "5 anos depois...". Página 6.

[4] Teoricamente sem lideranças e sem apoio político partidário ou institucional.

Deste modo, temo que as generalizações, referidas ao mercado de trabalho não **formal**, possam desconsiderar práticas peculiares aos ofícios e desprezar os costumes inerentes ao modo de vida e ao cotidiano de trabalhadores, que vivem em situações de trabalho **autônomo**. Pois, tornou-se consenso, a várias estirpes de pesquisadores, correlacionar o trabalho **informal** a uma situação transitória, praticada sem a necessidade de uma *qualificação* prévia do trabalhador. Ficando os sujeitos, que realizam trabalhos desta espécie, destituídos de considerações mais amplas, se não àquelas de *miseráveis* ou *exército de mão de obra sobressalente*.

Percebo que, no contexto social de suas atividades, a compreensão de "experiências", como a de carroceiros, pedreiros, chapas, entre outros, demonstra argumentos que poderão dar uma diferente abordagem para esta informalidade "insensata" e vazia, que existe e somente torna-se explicável pela falta de uma ocupação formal.

A pesquisa, aqui apresentada, tentou trilhar um caminho que demostrasse algumas particularidades do modo de se viver e de se trabalhar com carroças, nesta cidade.

E, ao contrário do que pareça, esta tarefa tornou-se complicada, pois no desenvolvimento do estudo pude perceber que, para estas pessoas, as maneiras de se viver não se separam do trabalho; estando este ofício inserido em um conjunto particular de referências, hábitos e costumes inerentes ao convívio familiar e/ou comunitário. Da maneira que entendo, o trabalho com carroças está continuamente interligado a um grupo, seja familiar, seja de tarefas coincidentes, seja de vizinhança, ou mesmo que esteja baseado em relações de confiança e amizade. E, como será dito, estes grupos possuem interesses, deferência e restrições particulares, que não são facilmente visíveis, não estando, portanto, abertos a qualquer um que se habilite a deles participarem.

Nestas circunstâncias, acredito que a aprendizagem[5] particular existente (possuidora de normas e preceitos éticos determinados), a qual viabiliza as atividades com carroças, seja fruto de **tradições de vida**, que não afastam-se das condições materiais destas pessoas e nem de determinados valores por elas cultivados.

Nesta razão, acredito que as características, apresentadas por esta pesquisa, atribuam ao trabalho de carroceiro, diferente do que possa parecer, um caráter de profissão "oficial" para os que dela se mantém. Distanciando-se da perspectiva de uma ocupação paralela ou temporária, que os termos **informalidade,** subemprego, ou bico possam sugerir.

Nota-se, através do contato com esse sujeitos, que trabalhar com carroças não é fácil (devido ao esforço físico e atitudes coercitivas contra o exercício deste) e requer uma resistência[6] constante e particular, que não é facilmente assimilada (e nem mesmo praticada enquanto forma de "experiência") por grande parte de trabalhadores urbanos.

Indexadas a outras situações postas nas contradições das relações sociais (como as resistências particulares, a exclusão, a luta pela moradia, as relações de bairro, as maneiras encontradas para se intervir no espaço urbano, etc.), este conjunto de "vivências" *qualifica* algumas pessoa para o trabalho com carroças. E isto, em suas vivências, não é uma ocupação que lhes traga vergonha ou menos dignidade.

Em suma, pretendo dizer que o ofício de carroceiro, por se tratar —em minha opinião— de uma atividade **tradicional,** e estar envolto por um modo de vida específico, não torna-se um refúgio imediato ao trabalhador urbano desempregado. Perspectiva que contradiz a concepção de que o **mercado informal** esteja absolutamente aberto, portanto torna-se frágil a impressão de que este tenha condições imensuráveis de absorver qualquer pessoa destituída de ocupação "empregatícia ".

---

[5] Referida nos capítulos primeiro e segundo. Como veremos, não trata-se este de um aprendizado formal.
[6] Referida no capítulo terceiro.

O termo "informal", quando referido ao trabalhador sem vínculos legais de emprego, poderia implicar, também, uma idéia de ampla "autonomia"; estaria este trabalhador "por conta própria" descompromissado com horários, regulamentos e punições. Aspectos que não se associam, ao meu ver, ao cotidiano dos carroceiros, pois estes possuem uma carga horária extensa e cotidiana, além de sofrerem constantes vigilâncias por parte do poder municipal.

Acredito que exista ainda outros pontos essenciais para esta discussão. Não estou aqui defendendo que não exista um **mercado informal**. Acredito que algumas atividades[7] possam surgir do *acaso*, devido situações postas pelo não emprego. Mas, creio que ofícios de cunho **tradicional** (ligadas a contextos próprios de modo de vida[8]) possuam "experiências", que os tornem diferenciados e ricos em resistências e conflitos. Entendo que os trabalhadores que deles se mantém (como qualquer trabalhador que vive os mais variados períodos de exclusão) merecem a atenção de pesquisas históricas, pois suas vivências estão por serem registradas e seus cotidianos por serem compreendidos.

Porém, é preciso ter em mente, que estas pessoas possuem suas próprias perspectivas e concepções frente ao mundo que vivem; penso que tais "experiências" devam ser tomadas como chaves de compreensão do momento que vivemos e como substrato de qualquer proposta (política ou acadêmica) que responda a este regime segregador, que ora se encontra em evidência.

Porém, acredito que torna-se necessário uma transformação das posturas de análises frente a estes trabalhadores; há a necessidade de se perceber que tais sujeitos, não podem ser tomados como estereótipos, de tipo "reacionários", "colaboradores" ou simplesmente

---

[7] Tais como vender biscoitos em semáforos, flores em bares, vigiar carros, engraxar sapatos, vender bijuterias, entre várias.

[8] Tais como carroceiros, artistas de circo mambembe, parteiras, carpinteiros, pescadores marítimos, fiandeiras, entre tantas outras.

"conformistas". São, ao meu entender, novos sujeitos que impõem-se **vivos** frente a idealização de **trabalhador** que a História[9] geralmente cunha.

[9] Marcada pelo marxismo ortodoxo e talhada de teoremas explicativos.

MODO DE VIDA E TRABALHO COM CARROÇAS

Quando eram referidos no projeto[1], os sujeitos desta pesquisa apareciam de maneira uniforme e conjunta como "Carroceiros", ou seja, como um grupo homogêneo e não antagônico. Mas, o procurar destes trabalhadores enquanto sujeitos históricos concretos: visitando suas casas, conversando sobre os seus sonhos e esperanças, gravando entrevistas, elogiando seus animais, brincando com seus filhos recém nascidos, ouvindo seus "casos" (várias das vezes com o gravador distante), pôs-me a frente de um novo contexto, representado por uma amplitude de vivências, de interpretações de mundo, de valores e significados, os quais ignorava anteriormente.

Neste sentido, a produção das fontes orais tornou-se responsável pela reformulação de muitas idéias e pelo redirecionamento da própria da pesquisa. Contribuindo para as análises aqui formuladas, as entrevistas aclararam muitos dos comportamentos que delinearam o que anteriormente foi referido como modo de vida, oficio tradicional, "experiências" advindas do trabalho, entre outros.

Assim, espero aqui registrar e discutir alguns trechos destas produções, com a finalidade de apresentar um contexto particular de moradia, trabalho e vida na cidade de Uberlândia, de acordo com as percepções e interpretações dos entrevistados. Neste sentido, optei por não segmentar estas vivências (o morar, o viver e o trabalhar) em partes isoladas, por entender que estão intrinsecamente interligadas em um contexto próprio, tal qual aparecem nas falas dos sujeitos.

---

[1] *"As Experiências dos Carroceiro Autônomos em Uberlândia: 1970/1998"*, projeto do qual esta pesquisa originou-se.

Ao analisar o conjunto das entrevistas procurei demarcar pontos de convergências e de divergências nos depoimentos. Gostaria de esclarecer que tal procedimento não possui o intuito de unificar as vivências destas pessoas, nem mesmo desconsiderar as particularidades de cada sujeito, apenas tentei estabelecer algumas referências para a composição da análise.

As divergências surgem principalmente em relação as particularidades das tarefas realizadas com carroças, nas quais determinados trabalhadores recolhem entulho, outros catam papel, outros compram e vendem adubo, alguns fazem frete (transporte de pequenas mercadorias), e muitos mantém-se com o transporte de materiais de construção. Seria um viés de trabalho acompanhar um dos ramos de atividade dos carroceiros, mas optei por dar um enfoque que abarcasse "experiências" comuns destes sujeitos. Pois, acredito que o trabalho com carroças é relativamente amplo, fazendo com que as pessoas (dependo da situação e do momento) transitem em ramos diferenciados deste oficio.

Nos tópicos posteriores, aparecerá mais referências a estas subdivisões do trabalho. Mas, gostaria antes de registrar que a carroça (em minha percepção) é um veículo que está fortemente interligado aos modos de vida dos trabalhadores. Portando, acredito que independente ao trabalho que venha ser realizado com esta, estará sempre em seu comando um sujeito com costumes, perspectivas e valores cunhados a partir de referências materiais e morais. O montante deste texto trata-se então de uma tentativa de se registrar e de se tentar compreender as vivências de alguns deste trabalhadores sob o enfoque de seus cotidianos.

Dentre os pontos convergentes, pode-se demarcar (de início) dois que se encontram, segundo algumas entrevistas, em comum acordo: a atividade com carroças e um passado vivido no campo.

"Eu trabalhei muito tempo de caseiro, mexendo com gado, tratorista... meu serviço era esse... antes de vim embora prá cá, meu serviço era esse... lá num tinha jeito de acabá os

estudos dos fí... ai tive que procurá a cidade... e vim... eu tenho uma filha deficiente. Por lá num tinha jeito de tratá dela".[2]

"Eu trabaiava com carro de boi... com plantação, com criação... trabalho na roça, sabe comé que é? Eu gosto é disso... (...)".[3]

" (...) num tem nem pai nem mãe. Todos os dois é falecido. Mas no tempo do meu pai e com a minha mãe, nóis morava na roça. Então o tempo que nóis morava na roça, era um tempo bão. Eu tô com 57 anos, vou fazê 58, né. No meu tempo era bão, com meus pais, tirando que nóis morava numa fazenda ruim, agente lá plantava o arroz, plantava o milho, o amendoim, o argilim, uma abóbora, uma coisa... então nóis tinha aquela renda, né. Aquela renda nossa dava por ano, prá comer o ano inteiro. E ali você subia prá cima... se tinha o que cumê, se tinha prá vendê, prá você comprar uma roupa, um calçado, tratá dos filho...tudo tinha liberdade" (...).[4]

A origem rural, de algumas destas pessoas, proporcionou-lhes "experiências" próprias: aprenderam a plantar *("o arroz, o milho, o argilim, uma abóbora, (...)")* e comer do que fora plantado. Aprenderam a trabalhar com o carro de boi, com a criação *("mexendo com gado")* e a viver do que se tinha para vender (o que dava para *"comprar uma roupa, um calçado"* e *"tratar dos filhos"*).

Nestas falas percebe-se que o passado na roça, de uma determinada forma, legou-lhes diversos aprendizados, os quais são empregados racionalmente no cotidiano do trabalho. Quando se é necessário cuidar de um animal doente a "experiência", de se cuidar da criação, entra em prática; os cuidados em selar um animal, ou mesmo o conduzir de uma carroça tem referência aos anos de moradia no campo.

---

[2] Fala do senhor Joaquim Sebastião Filho, casado, 58 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

[3] Fala do senhor Deni Alijair Valeriano, casado, 64 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **27 de setembro de 1998**.

[4] Fala do senhor Wilson Pereira de Jesus, casado, 57 anos, morador do bairro Lagoinha. Em entrevista concedida a Ana Mágna Silva Couto. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

Os saberes advindo das vivências no setor agrícola, que estas pessoas trazem e cultivam, permanecem e se difundem com uma prática urbana, e acabam por exercer influência sob as atividades que estas pessoas exercerão na cidade.

> **"Eu saio para a ruas as 5 da madrugada... eu sai prá catá papel, se dá uma viagem de papel... das sete em diante se tá disposto ao serviço que ocê achá . O serviço que achá nóis pega, se tive horta prá capiná nóis pega, se tivé que ranca uma árvore nóis ranca, o que tivé nóis faiz... puxá intui... mais como ocê num tá achando... já vai, se num perde o andado não, se já vai catando o seu papel. Se achá intui, outra coisa, se descarrega a carroça, se cata o intuio, se descarrega... vamo andá outra veiz. Se ocê ficá lá só atrais do intuio mesmo, se volta com a carroça vazia"[5].**

A capina da horta, o arrancar árvores (somada as particularidades do uso de carroças, como já assinalado), em minha compreensão, tornam-se exemplos de "experiências" de trabalho do campo, que somadas ao exercício do catar papel ou entulho configuram-se em atividades realizadas por estas pessoas no perímetro urbano.

Estas "experiências" são repassadas a outros membros da família ou da comunidade em que se vive; tornando possível a transmissão deste conjunto de saberes (que não é de forma alguma um aprendizado escolástico, mas sim prático) aos mais jovens, ou àqueles que não viveram diretamente no setor rural.

Os senhores Wilson, Deni e Joaquim possuíram diretamente esta vivência. O senhor Deni, tido como um carroceiro *antigo*, viveu e trabalhou por muitos anos na fazendo do exército (situada nesta cidade), em 1974 foi "mandado embora" desta[6], razão pela qual veio morar no perímetro urbano. Após alguns anos morando com as filhas, comprou uma casa no bairro Lagoinha. Trabalhou como carroceiro e ensinou esta atividade aos genros e netos[7].

Nesta didática, baseada nas "experiências de trabalho e moradia", vê-se presente uma exuberante carga de **tradição oral**; percebe-se que através da fala os mais novos e outros

---

[5] Fala do senhor Wilson Pereira de Jesus, acima referido.
[6] Situação que levou-o a procurar seus direitos e acionar a justiça de Belo Horizonte contra esta instituição.
[7] Um dos *genros* foi entrevistado, para esta pesquisa, trata-se de Antônio Gomes da Silva , casado, 46 anos, morador do bairro Lagoinha

membros da vizinhança entram em contato com uma realidade rural anterior e com a aprendizagem do ofício[8].

O relato do senhor Wilson torna-se, por ele só, um referencial de uma outra realidade, edificando uma certa expectativa de vida (através da plantação, do consumo e da venda dos produtos da terra) a muitas pessoas que não compartilharam de uma vivência como esta. Oferecendo uma compreensão das relações encontradas no perímetro e no convívio urbano, centrada em uma ambiência rural. O senhor Wilson julgava viver em um lugar onde *"tudo tinha liberdade"*[9]; creio então, que as "experiências" de trabalho, moradia e hábitos criados na época da roça, tenham sido importantes, também, para constituir uma determinada maneira de idealizar o que seja viver com dignidade.

> **"(...) Sonho, nóis tudo tem, agora... esse sonho é que nunca chega... pur causa que, se eu pudesse... eu... pur exemplo, eu fazia muitas coisas que eu tenho vontade de fazê... mais.. num posso, num tem jeito de fazê nada. (...) Se uma pessoa podeno... ele tem um jeito dele fazê... ele ... pode comprá um poquinho de cimento, ele pode comprá um pedacinho de chão, dentro daquele pedacinho de chão ele pranta... ali ele cria...né, ele tem todo uma regalia... agora aqui dentro da cidade ele tem esse pedacinho de chão 25X13, é a conta desses dois barraco, cria os fiím ali dentro, apertadim, e eu não posso por um leitão no chiqueiro, eu não posso criá uma galinha... se eu pô o fiscal vem: "Ôpa! Aqui não"... Tá dentro da cidade, agora (inaudível) o fiscal já veio aqui muitas vezes, então essas regalia eu não tem... eu, o que fazê? ... vive essa vida que Deus deu, num tem condições... esse sonho eu tinha, se eu tivesse um pedacinho de chão fora, eu criava... eu prantáva, eu ia criá meus fio igual meu pai me criou.. mas num posso, o que eu tenho de valor é os fio mais a muié... e essa carrocinha véia... então tem que conformá, o que Deus mi deu foi isso né..."** [10]

Este sonho de se continuar vivendo segundo uma perspectiva moldada nos costumes do cotidiano rural, relatado pelo seu Wilson, está presente em várias falas registradas por esta

---

[8] Como importante "metodologia" desta "didática oral" tem-se a marcante presença dos "**casos**" (episódios ocorridos na vida das pessoas). Estes — como demonstra a professora **Simoni LAHUD** (do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense) no texto (de sua exposição na X Conferência de História Oral) **A pedagogia dos Casos** — tornam-se uma importante via de aprendizagem e comunicação das vivências desses sujeitos. Segundo ela os "casos" "transformam experiências individuais em saberes coletivos".

[9] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.

pesquisa. Tais expectativas parecem estar, num primeiro momento, desvinculadas do contexto diário de suas vidas, deixadas para trás com a vinda para a cidade ou lançadas para um futuro ocasional. Mas, ao considerar as formas de moradia destes trabalhadores, enquanto objeto de análise, percebe-se claras referências ao modo de vida rural e resistências em se manter padrões e hábitos deste outro período.

> **"Ôpa! Aqui não"... Tá dentro da cidade, agora (inaudível) o fiscal já veio aqui muitas vezes, então essas regalia eu não tem... eu, o que fazê? ..."**

Apesar do senhor Wilson dizer que *"essas regalias"* ele não tem, o fiscal vê-se obrigado a retornar "muitas vezes", pois ele continua a criar animais em sua casa, mesmo estando "dentro da cidade".

A casa, em seu interior e exterior, demonstra um forte vínculo destes trabalhadores com a moradia do campo. Do lado de fora, geralmente encontra-se alguma plantação (couve, cheiro verde, mandioca, hortelã, mamão, e um número considerável de remédio caseiro, tais como: losma, boldo, marcela, alecrim, entre tantos), animais domésticos (tais como: cães, gatos, papagaios, etc.), animais para consumo (galinhas, porcos, cabras para o leite — mesmo com a vigilância de órgãos da prefeitura), uma árvore frutífera (goiabeira, mangueira, o pé de romã — da dona Maria Aparecida[11]). No chão batido destes quintais, vivem também os cavalos e éguas destes trabalhadores; ali os animais são tratados, alimentados e remediados. No interior das casas, geralmente encontra-se vários objetos fabricados pelos próprios moradores (ou reformados), a mobília vê-se adicionada por banquetas construídas em dias de Domingo e as formas para pão são feitas com latas de óleo[12], encontra-se também, mas com certa raridade, fogões a lenha como o do senhor Deni, a talha de água, a bucha natural (para a louça e para o banho), o sabão caseiro, os doces de frutas e leite feitos na própria cozinha e geralmente no quartinho *do fundo* é onde a selaria (areata, pescoceira e a tapa) fica

---

[10] Idem entrevista anterior.
[11] Maria Aparecida da Silva, a qual será referida posteriormente.

acondicionada. Concordo com **HOGGART**[13], quando o autor diz que estes objetos e práticas "*são o que contribuem para manter valores domésticos*" (da moradia), sendo estes de grande importância para os trabalhadores, mantendo uma carga valores (sentimentais, por exemplo) bastante rica.

As divisões de cômodos possuem seus significados próprios e demarcam a organização das rotinas semanais de trabalho e lazer. Na cozinha, o almoço torna-se uma tarefa da mãe e da filha mais velha, enquanto o pai e os filhos estão nas carroças. Esta divisão do trabalho não é hermética (como no caso de Jorge Saraiva e de dona Maria Aparecida da Silva[14], que são casados e trabalham de forma conjunta como carroceiros), mas creio ser difícil isolá-las do contexto material do modo de vida, ou seja, da própria sobrevivência[15]. Nos fins de tarde e nos domingos, a calçada torna-se um lugar de destaque nas casa, devido ao hábito de sentar-se (nos bancos construídos ou improvisados com troncos de árvores) para conversar. O momento de descanso é desfrutado na própria casa em conjunto com a família e alguns amigos. Como na roça, este é, também, um tempo para pôr em dia alguns afazeres, como cuidar da horta, ou "*dar um trato no animal*".

> **"Uai, ai eu vô..., se pur exemplo... se dá uma folguinha prá mim, ...mas, carroceiro nunca tem folga... quando se para um pouquinho prá discansar o corpo, se vai fazê um cocho por aniamal cumê, se vai levá uma água prô animal bebê, se tem um poste ..prô cê pô numa cerca. Um ti chamam prá outro lugar, um outro colega te chama prá perguntá se onde pode pôr um animá, se pode colocá o animá no pasto do outro, ou um pode por no pasto do outro, purque o animal tem que ficá só fechado, mas nunca se tem aquele**

---

[12] Como as feitas por Sebastião Vieira de Araújo (o Maninho), o qual será referido posteriormente.

[13] Ver Richard **HOGGART**. **As Utilizações da Cultura** – ***Aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a Publicações e Divertimentos.*** Editorial Presença, 1973.

[14] Jorge Saraiva, casado, 41 anos, morador do bairro Lagoinha e Maria Aparecida da Silva, esposa do senhor Jorge, 39 anos, moradora do bairro Lagoinha. Entrevistados em **26 de setembro de 1998**.

[15] Há debates sobre a "exploração" do trabalho da mulher no lar, entre outros pontos de relação "privada". Questões pelas quais estão centradas muitas das discussões sobre a tendência de "gênero" na historiografia atual. Vale assinalar que E. P. **THOMPSON**, tornou-se centro de discussões de historiadoras como Joan Wallach **SCOTT** (*"Gender and politics of History". Columbia University Press. NY, 1988*). Tido como "preconceituoso" por não considerar tais particularidades. Não estou negado que este viés de análise (e conflitos desta espécie) possa existir. Mas, esta pesquisa não tem como foco discutir tais relações de gênero.

discanso. Se tá cansado ai,...ai fala assim: - não hoje eu num vô mexer com mais nada. Hoje mesmo é Domingo, eu já andei 4 vez, a 2 prá levá e depois prá dispejá..né."[16]

Lembro-me bem do dia em que fomos[17] entrevistar o seu Wilson. Na porta de sua casa, estavam vários de seus colegas carroceiros, ele disse que estes encontros eram constantes nos dias de folga. As relações de amizades criadas entre estes trabalhadores fazem tecer redes de auxílio e de solidariedade, que tornam a vida urbana mais suportável. Esta rede cria certas **especializações** de tarefas, que são compartilhadas entre alguns trabalhadores; trata-se de uma série de trabalhos não remunerados, os quais têm a intenção de auxiliar um companheiro em algum momento e de ser ajudado em determinadas circunstâncias. A dona Maria Aparecida orgulha-se da precisão com que coloca ferradura nos cavalos e tem prazer de fazer isto para os carroceiros que a procuram pedindo este tipo de ajuda; o senhor Deni sabe tratar muito bem das doenças que afligem os animais, presta consulta e trata dos animais de seus genros, netos e vizinhos. O senhor "Maninho"[18] foi indicado (pelo senhor Deni, pelo senhor Jorge e pela dona Maria Aparecida) para contribuir com depoimentos a esta pesquisa, por se tratar de um "*carroceiro inteligente*" e ser também vice-presidente da Associação destes trabalhadores.

Os empréstimos de alimentos também são comuns. Mas, percebe-se uma questão de caráter moralizante nesta espécie de favorecimento; como se faz notar na fala do senhor Wilson:

"... pois é por causa da união... por causa que é onde eu falo prô cê... que í impasse que é por causa disso, eu tô acostumado com o papel, catando o papel e tirando intuio... os outro já é acostumado ás vez a catá um papel, as vezes é acostumado, de pur exemplo ir na casa dum fulano lá, o fulano pega e.. : - "O fulano! Vem cá mi arrumá um copinho de arroz, um copinho de açúcar"... ai ele arruma, ai então... já facilita mais prá ele num facilita? Então ele arruma um arroz, outro arruma um açúcar , um arruma um café, outro arruma uma banha, então.. ele tá pegando, usando o que é do outro na atividade dele; agora, igual prá mim aqui que é seis boca... eu que tem que agi mesmo... a mode de num me passá farta e tem o trabaio prá minha vida, agora se for prá mim andá todo dia,

[16] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.
[17] Na ocasião, eu estava acompanhando as entrevistas de Ana Mágna Silva **COUTO**, com catadores de papel.
[18] Sebastião Vieira de Araújo, casado, 52 anos, morador do bairro Lagoinha.

na casa dum, na casa dum outro, prá pegá um copinho dum, um copinho do outro, o cara tem que disconfiá, um copinho de arroz num dá fazê prá seis pessoa...né; então, já vamô tê poca gente, duas pessoa, treis pessoa, ai um copinho de arroz dá prá almoçá e jantá... ai ele banca o esperto, ele vai prá cima, e o qui gasta mais vão prá baixo, mas se usá pur exemplo... se todo dia fô na casa dum pega um arroz, pega um feijão, pega um trem outro... eu posso falá vô fica aliviado, vô ficá rico... porque eu vô lá Butelão entrego 150 quilo de papel dá 150 real... 3000 quilo de papel dá 150 real. Eu busco trem na casa dos outro, gasto 50, guardo 100, eu posso guardá... mas eu num faço isso, num tenho essa capacidade de fazê esse negócio, eu tem que trabaiá, (...)"

Nesta interpretação, percebe-se que estes empréstimos não possuem a mesma razão de outros (como o empréstimo de um pasto, de uma corda ou de uma enxada), estando ao meu ver, delineados por limitações de valores morais e por regras inerentes ao "ganhar a vida pelo próprio suor". O "*fulano*", mesmo pertencendo a vizinhança, torna-se um aproveitador do trabalho alheio (um diferente), alguém que parece estar do lado oposto, explorando os trabalhadores.

A conduta em relação aos vizinhos, ou aos companheiros de profissão, está sempre regrada por determinados regulamentos informais, que são constituídos no exercício da profissão e no cotidiano das relações de amizade e de bairro. Tais regras são tidas como a maneira certa (ou justa) de comportamento frente as situações que o ofício apresenta, como também de respeito frente ao vizinho (ou que se espera dele).

Pretendo tratar mais especificamente de questões relacionadas ao cotidiano e as resistências, na manutenção de tal trabalho, no capítulo posterior, mas vale assinalar que estes **regulamentos**, de certa forma, impedem uma concorrência[19] entre os próprio carroceiros (pelo menos os que se reconhecem enquanto grupo e/ou se relacionam por vizinhança), assegurando, assim, uma continuidade (uma sobrevivência) do ofício, e por conseqüência, do sustento destas famílias.

"...Samô muito unido, nós dois.. samô muito unido. Esses colega do papel são muito unido, se pur exemplo, eu três vila prá cá que eu vô cedo, aquele outro mais três vila prá

cá, aquele outro, mais três prô outro lado, o outro tem mais três prô outro lado, um di frente prum lado, outro di frente prô outro, outro di frente prô outro, quando chega de tarde que se encontra na rua, ...mais o catador de papel, num vô contra o catadô de papel, é tudo unido. Se pur exemplo, se eu catô eu preciso, se aquele ali cata ele precisa, se o outro cata ele precisa também, então os catadô de papel é mais unido que os tiradô de intulho... mas se pur exemplo... nóis tá num monte de papel, chegou outro catadô, aí... não!: - Põe papel na sua carroça também, ..então aquele também pega papel prá mim. Agora o intui é diferente, então ... eu num tem nada que queixá dos catadô de papel, mais... não tem nada que falá dos catadô de papel, nem do compradô... que é o Butelão... se não fosse o Butelão prá comprá esse papel nosso dentro de Uberlândia, eu num sei o que será de nóis não, (...) vamos se dá graças a Deus, que tem ele prá comprá esse papel, que já tem um dinheirnho prá nóis cumê... porque busca na nossa porta, manda o caminhão vim cá catá o papel, pega o papel , só o trabalho que nóis tem é carrega o caminhão"[20].

Na vizinhança, são perceptíveis certas correlações de ajuda e amizade. O morar, em determinado local e de forma a se conservar certos modos particulares (em bairros de trabalhadores pobres), ultrapassa os limites físicos da casa, fazendo com que haja a necessidade de um convívio de sociabilidade.

Segundo **HOGGART**:

"A tradição das boas relações de vizinhança dentro do grupo parece ser conseqüência das condições de vida, pois essas pessoas, (...) vêem-se forçadas a reconhecer que estão efetivamente todas na mesma situação."[21]

Esta "*mesma situação*" é derivada do trabalho incomum, das dificuldades do dia a dia, dos ocasionais problemas de saúde, entre outros. Nota-se a importância do convívio com a vizinhança para estes trabalhadores, esta relação é muito direta e está também associada (ressalvando **regras** próprias de convívio) ao auxílio e à cooperação.

"...aqui sobre vizinho, eu num tenho nada de queixá sobre vizinho não... que eu pur exemplo,... tem vizinho aqui qui também fica sem durmi, igual nóis, também vigiando a

---

[19] Esta discussão estará posta com mais especificidade no tópico posterior.
[20] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.
[21] **HOGGART**, *op. cit.* (pág. 97)

casa, vigiando a família, que tem que vigiá, que tem dia que eles vem por lado dos outro, então... sobre vizinho eu num tenho nada que reclamá não."[22]

Os vizinhos são *gente como a gente*, passam pelas mesmas dificuldades e problemas, pertencem ao mesmo grupo, e mantém interesses e hábitos semelhantes. São pessoas que estão sujeitas a iguais controles e furtos e, portanto, compreendem a necessidade de contribuir com um remédio caseiro ou mesmo vigiar a casa ao lado dos ladrões e fiscais.

"A relação de boa vizinhaça implica que os vizinhos não só tenham considerações uns pelos outros, mas ainda que estejam prontos a "fazer um jeito". Quando uma mulher muda para oura área e os vizinhos lhe não parecem suficientes amáveis, a recém-vinda declara que "não há meio de se habituar". [23]

HOGGART escreve que a formação de grupos de pessoas, ligadas através das "condições de vida", é algo "elementar", tanto no trabalho quanto na vizinhança, pois:

"Este sentido de comunidade é inconsciente; está muito longe da camaradagem cultivada, pelos movimentos com propósitos de reforma social. Não deriva — pois é algo mais elementar, algo de mais antigo — da convicção de que a união se torna necessária como se pretendam melhorar as condições de vida, convicção essa que está na origem dos movimentos cooperativos" [24]

As casas destes trabalhadores e a própria vizinhança, que as cercam, estão inseridas em bairros que possuem características próprias. Tais bairros são constituídos e conservados aos moldes das formas de se viver destas pessoas. É visível que os bairros, com maior concentração de carroceiros, acabam por cumprir necessidades inerentes a esta atividade. O morar (de forma a manter padrões de vida, moldados por expectativas de ambiência rural) e o trabalho com carroças não estão unidos por mero acaso em determinados locais, pois para se ter um cavalo (ou uma égua) forte e bem nutrido, necessita-se de terrenos vagos para a pastagem, espaço para a reprodução, ruas que não possuam um movimento acentuado de automóveis — para evitar riscos maiores de atropelamento destes animais, etc. Estas

[22] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior
[23] **HOGGART**, *op. cit.* (pág. 98)

prerrogativas delineiam vários aspectos encontrados em bairros habitados por carroceiros e trabalhadores rurais que migraram para a cidade; creio que determinadas características (como plantações, animais de criação para consumo, cisternas, fossas, etc.), típicas do modo de vida destes trabalhadores, tendem a relativizar o conceito de cidade urbanizada, "moderna e progressista".

A constituição do espaço urbano não é de forma alguma uma tarefa pacífica e conciliadora. Há interesses postos de diversos lados, fazendo com que este *constituir* torne-se palco de vários conflitos. O poder político muitas vezes se apresenta para tentar resolver e "organizar" a geografia urbana de acordo com interesses que julga prioritários. Em favor deste interesses tem-se a especulação imobiliária, a criação de favelas, a elitização de determinadas áreas (com recursos públicos), a construção de avenidas extravagantes (desprezando questões ambientais e moradores ali viventes) que beneficiam apenas a circulação de mercadorias, etc.

Os trabalhadores carroceiros juntamente com outros trabalhadores migrados do meio rural, que buscam moradia no perímetro urbano, não tornam-se agentes passivos da constituição deste espaço. Lutam não apenas para conseguir *um canto*, mas também para alcançar um lugar que dê razão às suas perspectivas de trabalho e moradia.

> **"... a casa, consegui assim: Eu morava, eu entrei numa favela aqui embaixo, sabe? Entrei não, eu abri uma favela cá embaixo. Eu sô positivo pá... Aí, a Tânia é advogada da prefeitura, ela vei pá me despejá daí no mermo dia, que nois tinha vindo, tinha posto só 2 teia em cima e cercado de lona preta. Ela chegô , virô pra mim, falô assim: "Qual é o proprietário desse rancho aí"? Inda abusô ainda; "esse rancho". Aí eu falei não, rancho não, aqui é minha casa, lugá dê eu pô meus filho. Ela falô: "Você num sabe que isso aí é área verde"? Eu falei: Não, já era verde, eu já capinei tudo e quemei, agora num é mais verde mais, já tá seco. Bão, ela falô assim: "Ocê tem 24 hora pra desocupá aí". Virei pra ela e falei assim: Oia, eu num quero desacatá a autoridade da sra., mas só que tem um porém, a sra. tem uma casa? Ela virou pra mim assim: "Eu tem". Então a sra. vai na frente desocupa um quarto lá que eu vô com a minha famía (lá pra sua casa)... Ela falô: "mas cê num pode alugá uma casa"? Eu num posso não! Ela: "...Pois eu alugo uma casa,**

[24] **HOGGART**, op. cit. (*pág. 99*)

trabaio de ordenado também!" Eu falei: Pera aí! Esse carro é da sra? Ela: "É". Então faz o seguinte: Sra vende e compra uma casa, que aí a sra. facilita mió. Ela: ... "Ih, com ocê num tem jeito não, pode ficá quieto aí, mas num dexa ninguem mais fazê barraco aí não" Falei: tudo bem. Ela foi imbora! Aí a assistência social, os padre, tudo ajudô nois lá embaixo, ficamo nessa favela, ficamo, com pôco, nois tinha inscrição. Aí eles temaro comigo: "Ah, cê vai pá Seringueira". Falei: Vô não. "Cê vai pu Tocantins". Também num vô não. Eu num tem condições de morá num lugá desse, num tem carro, num tem nada. "Então cê vai pro São Jorge". Falei: piorô! Virô pra mim e falô: "O quê que cê qué"? Se oceis me tirá, eu volto otra veiz. Eu quero a casa é aqui na Lagoinha! "Ah, mas aqui num tem"! Tem, tem uma casa alí, que tá é depósito de maconhero e tudo quanto é tréim tá nessa casa, e é doceis, que é escritório. Ele virô pra mim e falô assim: "Ó, tem 50 quereno aquela casa". Falei pra ele: Tá interano 51. Quando ele viu que num tinha jeito pá mim memo, aí... com o rapaz lá: "Ó, cê vai lá e compra o padrão e manda eles ligá a luz lá. Aí me deu a orde, eu vim, no ôtro dia eu passei cá à tarde. Aí fui lá, me dero, fizero o recibo, tudo direitim. Agora hoje, só í fazê a escritura, tá tudo quitado, num devo nada a ninguém".[25]

Como pode-se notar, a luta pela moradia está centrada no reconhecimento da dignidade enquanto pessoa. Tem-se uma longa caminhada em busca da casa ("abrindo favela", mudando várias vezes, ocupando terrenos, discutindo com autoridades) e de uma localização melhor, apropriada para se viver, que propicie sustentabilidade ao ofício.

"Aí eles temaro comigo: "Ah, cê vai pá Seringueira". Falei: Vô não. "Cê vai pu Tocantins". Também num vô não. Eu num tem condições de morá num lugá desse, num tem carro, num tem nada. "Então cê vai pro São Jorge". Falei: piorô! Virô pra mim e falô: "O quê que cê qué"? Se oceis me tirá, eu volto otra veiz. Eu quero a casa é aqui na Lagoinha!"[26]

O bairro Lagoinha, em Uberlândia, tornou-se um referencial para o trabalho de pesquisa, nesta região concentra-se um grande número de carroceiros, tornando-o um lugar peculiar: cheio de carroças enfileiradas pelas calçadas, com muitos terrenos utilizado para pastagem, com ruas de terra, etc. A trajetória de formação deste bairro é fruto da constituição e desconstrução de várias favelas e invasões. Durante muitos anos, este bairro carregou o

---

[25] José Moreira da Cunha, casado, morador do Lagoinha. Entrevista realizada por Ana Mágna Silva Couto. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.
[26] Idem entrevista anterior.

rótulo de "*vila de leprosos*", segundo o morador José Pires[27], por volta de 1960 "*aqui era muito pouco habitado e por acaso moravam 4 ou 6 leprosos num mesmo lado do bairro, mas aqui nunca existiu mais leprosos que em outros bairros da cidade*". O nome Lagoinha, faz referência a "cabeceira de rio" ali existente, segundo o jornal Participação: "o entrante João Carlos Pereira da Rocha tão logo chegou em Uberlândia detectou seis cabeceiras de rios. Umas destas cabeceiras era a do rio Lagoinha, hoje um filete de córrego que corta a região. Conta-se que João Pereira deixou alguns escravos morando na cabeceira deste rio numa fazenda então chamada de Retiro do Lagoinha". [28]

Muitos trabalhos acadêmicos enfocaram bairros tidos como periféricos nesta cidade. Entre eles, está o trabalho de Rosemeire M. da Costa **PEREZ**[29], o qual aborda especificamente o bairro "Lagoinha" a partir de uma análise da favela da "Lobeira" (ali situada no período da análise). Suas pesquisas comportam as administrações Zaire Rezende (PMDB) de 1983 a 1988 e Virgílio Galassi (PPB) de 1989 a 1990 — época de finalização do trabalho de pesquisa. Segundo ela, esta favela

> **"possuía moradores advindos de diversos locais: alguns (...) vieram da Favela situada nas proximidades do Bairro Saraiva, outros vieram da zona rural ou de cidades próximas, além daqueles oriundos de outras favelas da cidade"**[30]

o que acarreta, em sua percepções, uma certa "*rotatividade*":

> **"Além disto, há de se destacar a própria rotatividade dos moradores, ou seja, não se pode falar em termos de uma população fixa, devido às condições precárias em que se encontram, que os obrigam a mudar constantemente."**[31]

Estas mudanças constantes demonstram uma certa fragilidade em se estabelecer definitivamente a moradia. Muitas vezes, as vertentes do poder público coloca planos de

---

[27] Em depoimento ao jornal "**Participação**" (jornal da administração Zaire Rezende) Ano 2. N.º 10. Abril de 1986.
[28] Jornal **Participação**. Op. cit.
[29] Ver Rosemeire M. da Costa **PEREZ**. **"O sem terra urbano em Uberlândia – O caso Lagoinha"**. Dissertação de conclusão de curso. Mimeo. UFU/ 1990.
[30] **PEREZ**, *op. cit.* (pág. 20-21).

reorganização destes espaços de moradias, sob alguns modelos julgados apropriados para acondicionar os trabalhadores. Um destes planejamentos está centrado na criação de conjuntos habitacionais com sala, quarto, cozinha e banheiro, projetados para acomodar um número acentuado de casas em menor espaço de terreno. Não priorizando as particularidades de bem estar de cada família, e nem suas expectativas em relação ao que seja morar bem, estas "plantas" são geralmente reformadas na primeira oportunidade encontrada. Luzia Márcia R. **SILVA**[32], ao comentar (durante reuniões do projeto) a respeito de sua experiência de pesquisa com trabalhadores rurais assentados, expôs algumas particularidades das "moradias" destes trabalhadores. Ela diz que, mesmo possuindo o crédito inicial para levantar as propriedades, alguns destes resolvem manter determinados hábitos, como o de construir e usar "fossas" ao invés de vasos sanitários, continuar bebendo água da cisterna por eles perfuradas, entre outros. Pensamos que, desta forma, os trabalhadores rurais estejam conservando um modo de vida apropriado segundo seus comportamentos, resguardando assim valores considerados importantes a estas pessoas; resistindo a tentativas de interferências em seus costumes.

O "regime de mutirão" proposto pela prefeitura do PMDB, como forma de construir casas para os bairros periféricos, é tido por **PEREZ** como ineficaz, não oferecendo aos moradores condições de habitação adequadas. Percebe-se, em suas concepções, que o poder público pode efetivamente garantir *dignidade de moradia*. Porém, não tenho a certeza que haja atenção (de projetos habitacionais para os trabalhadores emigrados do meio rural para esta cidade) em se respeitar os modos de vida e costumes próprios, por parte dos órgãos públicos.

Torna-se difícil interpretar a análise da autora a este respeito, pois seu texto não apresenta com clareza o que venha a ser "*condições dignas de moradia aos favelados*".

---

[31] **PEREZ**, *op. cit.* (pág. 21).

"O que temos portanto é uma política que reproduz o próprio processo de disciplinarização do espaço urbano, pois o favelado é jogado para a periferia de forma a preservar a imagem da "cidade jardim", imagem que não coaduna com a miséria que se explicita nas condições de vida subumanas dos favelados. (...)

O que conseguimos vislumbrar acerca desta administração no caso da Favela da Lobeira é a reprodução do discurso ideológico da "Democracia Participativa" na qual a prefeitura e favelados estariam empenhados em buscar soluções para o problema habitacional (...)

Percebemos que tal proposta se situa apenas ao nível do discurso como forma de manutenção do próprio poder político, pois na prática o problema dos favelados foi relegado a segundo plano, sem ações concretas por parte do poder municipal no sentido de fornecer condições dignas de moradia aos favelados".[33]

Percebe-se, através da pesquisa acima apontada, que na administração posterior (PPB) acontece um "acirramento do conflito", "*visto que esta (administração) começa a pressioná-los para sair da área ocupada*".[34] Segundo a pesquisa, em abril de 1990 a "*prefeitura passa a tratar a Favela da Lobeira no bairro Lagoinha como uma caso de polícia*"[35], "*neste sentido a prefeitura chegou até a enviar elementos que se colocavam como sendo fiscais e detetives da polícia civil, para ameaçar os favelados*".[36]

"Vale ressaltar que (...) pesa a imagem vinculada insistentemente pela imprensa local e nacional que coloca Uberlândia como uma cidade ideal para se viver, sem mendigos, sem desemprego, etc., o que atraiu nos últimos anos, um contingente significativo de pessoa que para cá se deslocaram. Isto gerou um crescimento populacional desordenado dentro de um cenário urbano desprovido de uma infra-estrutura habitacional adequada para atender necessidades deste crescimento (...). É interessante notarmos que todo esse discurso que passa a imagem de uma cidade ideal é feito de forma a negar todo esse agravamento das condições de vida da população".[37]

---

[32] Ver trabalho de Luzia Márcia R. **SILVA**. **Os Trabalhadores em Luta pela Terra no Triângulo Mineiro: 1989/1996**. Tese de Mestrado, PUC/SP, 1996.

[33] **PEREZ**. *Op. cit.* (pág. 24).

[34] **PEREZ**. *Op. cit.* (pág. 34).

[35] Segundo citação da autora (Jornal **CORREIO DE UBERLÂNDIA**, Uberlândia –28/04/90, pág. 04): "(...) *a prefeitura com a campanha de desfavelamento vem pressionando os favelados da Mangueria e Lobeira (no bairro Lagoinha) a deixar o local, caso contrário vão passar o trator por cima dos barracos*".

[36] **PEREZ**. *Op. cit.* (pág. 34).

[37] **PEREZ**. *Op. cit.* (pág. 29).

Há a constatação de que as ações da prefeitura não resolvem o problema, e que

> **"na verdade o favelado acaba sendo jogado para a periferia sem nenhuma infra-estrutura, além de ter (...) em muitos casos, que continuar morando no próprio barraco. Em contrapartida, ao deslocar esses moradores a Prefeitura acaba criando espaço para a instalação de outros barracos no lugar daqueles que existiam"[38].**

Como mérito, esta pesquisa revela um processo de resistência dos trabalhadores em manter suas moradias frente a ação "organizadora" das administrações municipais, que estariam movidas, segundo **PEREZ**, de acordo com um *"discurso ideológico da ordem, do progresso, do trabalho"*[39].

Esta monografia guarda uma característica que, geralmente, consta em pesquisas que tratam da "História Local": a imagem da cidade enquanto "progressista, limpa, desenvolvida" ("cidade jardim"), pautada em um discurso "modernista", difundido pela imprensa e pela administração pública. Os textos, aos quais refiro-me, demonstram (e acabam por conservar) uma visão da classe média e (ou que pensam ser) da *alta* sociedade uberlandense, sobre a cidade. Raros são aqueles que optam por mostrar a percepção e os valores de grupos de trabalhadores. Em geral, os trabalhadores estão colocados sob o estigma da passividade, da "despolitização" e da conformidade frente a administração pública e outros grupos urbanos.

Quando escrevi pela primeira vez o projeto de pesquisa, não imaginava a forma que a cidade se apresentava a estes trabalhadores, e muito menos tinha alguma noção de suas perspectivas frentes a esta. A prática do contato com estes sujeitos, revelou-me novos postulados interpretativos. Acredito que a cidade, vista sob a percepção dos carroceiros, é valorizada quando atende as necessidades práticas destes trabalhadores — um tratamento para filha deficiente, uma escola *"pros meninos"*, um hospital ou um posto de saúde. Não digo que prevaleça puramente o caráter utilitário da cidade, tenho a convicção de que suas vivências levam a leituras próprias deste espaço urbano, que não aquelas colocadas pela mídia ou pela

---

[38] **PEREZ**. *Op. cit.* (pág. 36).

"burguesia"; concordando com a professora Ivone **CORDEIRO**, acredito que "*a vida material ganha significado porque é interpretada por sujeitos dentro do escopo das suas experiências*"[40] e não por razões de exaltação do desenvolvimento ou modernização do espaço. Tratá-los como meros seguidores (ou sujeitos passivos) de um discurso, que preza valores diferentes de suas perspectivas, seria desconsiderar suas práticas e atuações, seus costumes e tradições frente a constituição do espaço urbano.

Os trabalhadores carroceiros, como outros trabalhadores pobres, não constituem seus cotidianos (suas moradias e seu trabalho) em aceitação a determinadas construções discursivas e a criação de imaginários elitistas. Acredito que o próprio discurso possa apenas *sugerir* determinadas maneiras de condutas, mas não consiga direcionar ou organizar um espaço ou o comportamento destes trabalhadores.

Acredito que a crença em uma ampla organização dos espaços da cidade possa trazer complicações. Na pesquisa acima apontada, percebe-se uma análise que tende a demonstrar faces de um "*processo de disciplinarização*" do perímetro urbano, que no entender da autora "*caracteriza a cidade*"; através do desenvolvimento desta pesquisa e do contato direto com os trabalhadores carroceiros, começo a duvidar da precisão deste disciplinar.

As casas mantidas sob a perspectiva dos modos de vidas dos trabalhadores, com as características já assinaladas, existem em grande número nos bairros desta cidade, em meu entender estas tornam-se um símbolo de espaço de intervenção do trabalhadores, não estando facilmente posta ao alcance disciplinador do poder público. O processo de formação de invasões e favelas, demostrado no trabalho de Rosemeire **PEREZ**, parece-me mais indisciplina e conquistas de trabalhadores do que mérito discursivo do poder público.

Ao ver carroceiros circular por toda a cidade, rompendo normas e fiscalizações colocadas, conquistando espaço no trânsito e aproveitando certas áreas dos bairros para se ter

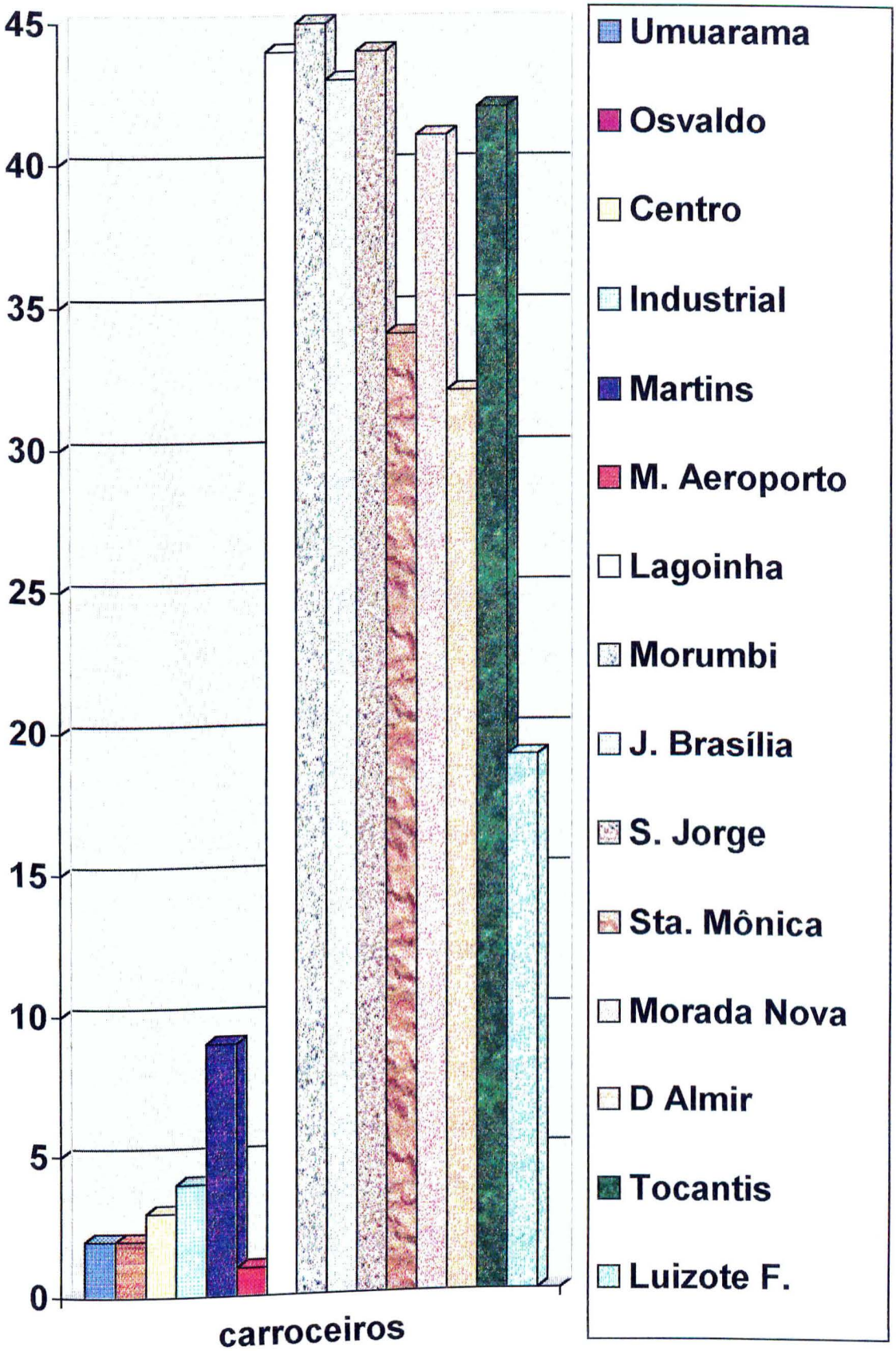
---

[39] **PEREZ**. *Op. cit.* (pág. 40).

condições de efetivar o trabalho, não percebo a preocupação com discursos "progressistas" e nem mesmo a organização disciplinar surtir os efeitos esperados.

As contradições enfrentadas por estas pessoas no atual sistema capitalista, apresentam-lhes um cotidiano mais conflitante e difícil do que as promessas contidas nos discursos. A vinda para a cidade, a luta pela casa, os obstáculos colocados para o exercício do ofício, a violência e a exclusão do consumo, tornam-se parte de uma experiência que é adquirida continuamente. O saber, advindo das vivências no meio rural, é ampliado com as maneiras de sobreviver e trabalhar no perímetro urbano, pois as relações sociais estão postas a todo momento, e torna-se preciso vivê-las.

[40] Ivone cordeiro BARBOSA, **A Experiência Humana e o Ato de Narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação**. Revista Brasileira de História (33) ANPUH.



[1] Gráfico realizado a partir de dados retirados do "Cadastro de Carroceiros". Percebe-se (através de uma amostragem) a quantidade de carroceiros viventes em bairros como o "Lagoinha" e "Morumbi". Como escrito , estes bairros possuem semelhanças com o meios rural (ruas de terras, grande quantidade de animais, cisternas, terrenos vagos utilizados para pastagens, etc.).

O TRABALHO ENQUANTO MODO DE VIDA[1]

Percebe-se, através das falas dos entrevistados, que as "necessidades" por se deixar o campo são múltiplas, a vinda para cidade dá-se por desapropriações de terra, por quebra das relações contratuais com o fazendeiro (devido a legislação trabalhista no setor rural), pela mecanização do campo, pelo implemento da agroindústria do café nesta região[2], entre outros. Como já dito, as "experiências" forjadas nas relações de trabalho e vida no meio rural, não dissolvem-se na mudança para a cidade. Estas, ao contrário do que possa parecer, darão suporte e "referências" para se conseguir trabalho no perímetro urbano. Neste sentido, estes trabalhadores buscarão, de acordo com suas habilidades e práticas, tarefas que estejam entre seus conhecimentos prévios, tais como jardinagem, capina de terrenos vagos, alguma ocupação em lojas que vedem mudas de árvores, plantas, sementes, adubo. E neste contexto: o trabalho com carroças.

Como já dito, este trabalho requer uma determinada aptidão para com animais, desde o tratamento até a condução dos mesmos; uma preocupação com a estrutura da moradia, pois esta precisa possuir acomodações apropriadas para os cavalos, carroças, e até mesmo para a estocagem de papéis, esterco e outros "materiais", que atualmente fazem parte da renda familiar destes trabalhadores; a conquista de um "ponto" estratégico, para se oferecer serviços de frete e pequenas mudanças, enfim, necessita-se de qualificações e "recursos" específicos para o exercício deste.

---

[1] Tratarei aqui de mais algumas particularidades, que são comuns àqueles que trabalham como carroceiros.
[2] Ver Antônio de Pádua Bosi. **"Os Sem Gabaritos"**. Mimeo. Dissertação de Mestrado. PUC/ SP. 1997.

Contrariando o senso comum, é notório perceber que esta atividade exige um domínio de *saber* que origina-se em um ambiente tradicional (dentro de perspectivas de modos de vida), sendo este repassado aos outros trabalhadores dentro do domínio da moradia e/ou da vizinhança.

No interior das casas, os filhos mais novos aprendem certos costumes através da palavra do pai, da mãe, do avô ou do irmão mais velho. Neste ambiente, tem-se contato com as dificuldades cotidianas, com certos valores morais (entre eles: a necessidade de se manter pelo "suor" do rosto, a dignidade em ser ter uma ocupação honesta, etc.) e com a experiência de "ajudar" os familiares no trabalho. Neste contexto, cria-se a qualificação que permitirá o uso da carroça para o trabalho; tal processo —iniciado com ato de auxiliar os mais velhos— estará completo quando este aprendiz possuir sua própria família, ou quando conseguir uma certa respeitabilidade frente aos outros trabalhadores.[3]

Desta forma, as pessoas entram para o mundo do trabalho munidas de "experiências", adquiridas por aprendizados particulares, estando estas centradas em um contexto de manutenção das necessidades familiares e arraigadas de valores e costumes próprios.

O cotidiano dos entrevistados fizeram com que compartilhassem de uma máxima: "É bom que aprendam a ler, escrever e que saibam fazer contas, pois isso ajudará em qualquer situação, mas preferencialmente tem-se que ganhar a vida e ajudar a família". Assim, configurou-se a vivência dos carroceiros mais velhos, que vieram para a cidade de Uberlândia a mais de trinta anos:

> **"Só aprendi assiná memo, com um colega. Eu desde de 7 ano que eu trabaio pá ajudá minha mãe. (Quando) num guentava trabaiá eu saia cortano vassôra de ... e vendeno pu povo, fazê, limpá forno de biscoito. Aí num tive tempo de estudá, na minha terra tamém era..."**[4]

---

[3] Como será discutido posteriormente.

[4] Entrevistado: José Moreira da Cunha, 49 anos, casado, morador do bairro Lagoinha. Em entrevista concedida a Ana Mágna Silva Couto. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

"Fiquei 3 dias na escola, nóis era pobre mesmo, né, eu tinha que ajudá pai e mãe, nóis vivia mais era na roça mesmo; prá num vê pai e a mãe sofrendo sozinho, eu tem que ajudá, né. E de homi era só dois, até o outro é falecido; mais o outro, muito doente, demais da conta, então não podia ajudá , o resto era tudo muié, mesmo assim as mininas, num estudava também não. Tudo ajudava também, cada um tinha sua obrigação cedo, ajudava a mãe arrumá a casa, ali, ia eu na parte de cedo, ajudava meu pai, na frente, e na parte de depois do almoço as mininas iam , prá ajudá também, prá limpá uma roça, uma arroz, um feijão, uma lavoura de milho, né, então nóis tudo foi criado desse jeito."[5]

"Eu sei lê um poquim, aprendi por ai mesmo... sabe o nome de placa destes eu até sei...mas aqueles escrito por pessoa... em papel eu tem um pouco de dificuldade. Mas, eu tem memória boa, lembro o nome das rua, que eu vô passando, quando é prá vorta lá , ai e só lembrá".[6]

O aprendizado oficial (escolar), nestas circunstâncias, não possuiu uma influência muito grande na vida destas pessoas, devido as condições materiais postas, a escola não tornou-se uma finalidade essencial. O mais importante não seria um diploma, mas sim estar trabalhando e contribuindo para a sobrevivência da família.

Não posso determinar com clareza, neste momento, se esta maneira de se conceber o ensino tenha sido modificada nos dias de hoje. Necessitaria para tanto acompanhar, com mais proximidade, os efeitos das restrições impostas a este tipo de profissão nos últimos anos e a conduta dos "novos carroceiros" frente a isto; como também, precisaria avaliar as novas mudanças colocadas na rede estadual de ensino, tais como o "Acertando o Passo" e o projeto de "Aceleração" por idade, e verificar se estas teriam trazido alguma modificação na perspectiva destes trabalhadores em relação a escola. Porém, fica aqui registrado através destas falas alguns apontamentos:

"Meus fio, só não quis estudar, porque não quis memo, porque eu pelejei. Mas tudo sabe o nome. A fia estudou até na, acho que na oitava. (...) Um tá com 22, oto tá com 16 e a ota acho que tá 18 ou 19. ...Um não trabaia, o otro trabaia junto comigo na carroça. Minha

---

[5] Fala do senhor Wilson Pereira de Jesus, casado, 57 anos, morador do bairro Lagoinha. Em entrevista concedida a Ana Mágna Silva Couto. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

[6] Fala do senhor Deni Elisário Valeriano, casado, 64 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **28 de setembro de 1998**.

esposa só fica no lar, ela não trabaia também não. Ela (comanda) uma carrocá igual eu, mas ela tá muito doente, então num dá prá ela não. Eu tem medo de soltá ela pá rua afora, pá trabaiá".[7]

"A escola, eu parei de estudá na 6ª série, pra trabaiá, parei de estudá, pra í trabaiá. (...) Eu que num gosto de estudá, ruim demais, parei mais também porque fui expulso do colégio. A professora ... eu era muito baguncento, aí a diretora me chamou e falou que ia me expulsar. Aí eu num fiz nada não, parei de estudar e até hoje, num voltei. Tem uns seis ano já, que eu parei de estudá. Ah, se eu pudê, voltá o ano que vem, pra estudá. Estudá porque ao meno, fazê até o 1º ano, né? O 1º grau, rumá um serviço... a vida agora, igual enquanto eu tô novo, vô trabaiano com ele aí, agora quando eu ficá mais véio, vô tê que arrumá um serviço melhor. Aí vô tê que tê pelo menos uma séri mais boa, pá rumá um serviço bão".[8]

Com já dito, os valores, costumes e as experiências de vida influenciam na aprendizagem da profissão, e contribuem (juntamente com a religião e outros) para a formação das concepções de mundo, que estes trabalhadores carregam e compartilham. Dentro destas interpretações, estão presente alguns significativos como família, pobreza, política, entre vários. Gostaria de destacar aqui, a forma com que os carroceiros (nestas construções) compreendem o seu trabalho:

"...Ai, eu vim prá cidade, e cheguei aqui na cidade, o trem já era mais apertado também, já não deu prazo também... eles fala : - não! ...Leva na escola a noite. ... Agora di noite se num tem força prá ir na escola... agora levanto 5 hora da manhã, fico ocupado o dia inteiro; pur que deste negócio de catá papel, se num para dentro de carroça, tem lugá que 2 metro pula no chão, pega um papel.... anda mais 2 metro pega outro prá cá, é o dia inteiro pulando..... pulando e entrado dentro de carroça. Puxando cavalo o dia inteiro... então é onde se num tem prazo prá nada, né. ... E a hora... e ainda mesmo assim num tem prazo prá nada (...)... eu já andei hoje rapaz, o Saraiva, o bairro Santa Maria, Pogresso, Sirgismundo, Patrimônio. Tudo hoje, prá vim prá cá, então estas vila é a mesma coisa de dizê.. uma vila; nóis anda neste Uberlândia quase inteiro, prá toda banda, nóis anda nestas vila tudo, igual eles proibiu nóis de ir na cidade, então andamo na vila, nas vila nóis temos que fazê ela todo dia, prá pelo menos pegá 3 carro de papel... senão num paga de jeito ninhum. Então é a onde, quando para de tarde em casa, se já num tem corpo prá

[7] Entrevistado: José Moreira da Cunha. Em continuação a entrevista anterior.
[8] Fala de Rafael Luís Camargo, 17 anos, solteiro, morador do bairro Santa Rosa. Em entrevista concedida a Ana Mágna Silva Couto. Concedeu esta entrevista em **20 de abril de 1997**.

sair prá lugar algum, tem casa de irmã... tem mais de 3 anos que eu num vô em casa de irmã, purque num tem condição".[9]

Trabalhar, a razão de suas experiências, significaria utilizar as mãos (a força), estar sempre pronto para fazer um carreto, acordar cedo e chegar em casa só no final da tarde, suar a camisa e "estar trazendo o pão de cada dia para a casa de forma digna".

A responsabilidade com o trabalho e com a conduta frente ao mesmo está presente (e é cobrada já) durante a aprendizagem. Por mais que isto não se aparente, existe uma intenção respeitável no uso que se faz de uma carroça, que é garantir o sustento da família. Este paradigma torna-se ordem de conduta moral do oficio.[10]

Atualmente, com as condições impostas a prática do oficio[11], ensinar a atividade de carroceiro a novos trabalhadores torna-se uma situação conflitante, pois ao mesmo tempo que os meninos estão nas ruas, em suas primeiras experiência com o trabalho, aprendendo a profissão e contribuindo com a renda familiar, eles apresentam-se como intrusos e são vistos com desconfiança por "outros" carroceiros mais velhos. A visão do senhor Wilson sobre o assunto é interessante:

"(...) Os mais velho num pega intulho, com medo de sê mutado, os mais novo pega e joga no quintal dos outro, tais culpa os mais velhos... leva a culpa. A onde queria uma punição, num ponto desse: o que nóis num faz, fica fazendo, a mesma coisa que os menor faz... fala que é carroceiro então.... a classe nossa, são carroceiro, né, cai tudo em nóis. Não tem outro motivo, então, ai seis por exemplo pudesse fazê... deixá a classe de carroceiro.... um povo mais véio, trabalha com carroça, tirá a mininada da rua, ai que tá atrapaiando nóis. Igual eu penso, que tenho seis bocas prá tratá, vou tirá ai, por exemplo ... eu chego na casa da senhora, pergunto prá senhora: - Qué tirá esse intulho? Tiro; Quanto se cobra?... – 3 cruzeiros a carroça ... – não eu pago 2,50; - Não, tudo bem ! Tô vendo que dá 2 carroça, já dá prá mim comprá um óleo, um arroz, um açúcar, eu já tiro as duas carroças, já dá 5 real..(...) E essa parte de minino que tem na rua, se pega por 3, eles pega 1... ele num tem obrigação, aquele dinheiro é prá ele comprá um papagaio, as

---

[9] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.

[10] Certa vez (no início da pesquisa) conversei com um filho de um carroceiro, que relatou-me as desventuras de um vizinho que bateu sua carroça durante a noite, machucando o animal. Disse-me que as pessoas que saem durante a noite com seus cavalos e "carrinhos" não são carroceiros, mas sim "cachaceiros".

[11] Tais condições serão discutidas no decorrer do texto.

vez cumê um doce, num tem obrigação ninhuma, né. Pur que tem animação... esse tanto de anima solto na minha rua, ai? O pai compra a carroça prá esses mininos de menor, esses minino dá uma voltinha pega um intui por 3 real, dá prá cumê doce o dia interiro. Aí, solta o animal aí na rua aí, ó! O animal tá na rua, um carro vem e pega .. um animal daquele aí: - o que pegô lá? / - Cavalo. / - Ah! é carroceiro,... carroceiro num óia.. Vai vê é tudo minino; num é dum carroceiro que tem responsabilidade não. É dum minino que tá solto na rua. Mas se tivesse um fiscal por ai, oiasse..."[12]

Nestas falas observa-se como alguns atributos éticos permeiam o cotidiano destes trabalhadores. Tais atributos esquematizam um conjunto implícito de regras, as quais parecem não existir em atividades autônomas como essa. É observável que a presença de uma quantidade considerável de "meninos" afeta alguns "carroceiros", ao ponto de muitos preocuparem-se com a questão da tarifa e a eventual concorrência que estes possam proporcionar.

A questão do preço (do frete) é muito mais relevante do que possa parecer. Nas concepções apresentadas, estes novos trabalhadores não possuem a responsabilidade "moral" de alimentar uma família ou "cuidar de uma casa", portanto não teriam a preocupação de respeitar uma taxa de preço convencional (porém implícita), desobedecendo os critérios do trabalho, que mesmo invisíveis (não estipulados em tabelas) estão presentes e servem como uma espécie de regulamentação para se garantir oportunidades de trabalho a todos.[13]

"prejudica nóis esses minino de menor... na rua, né! Que caso que pur exemplo se eles posse até um preço total, num tinha importância, né".[14]

Tal situação leva alguns carroceiros mais "experientes" (como o senhor Wilson e o senhor José Moreira) a invocarem uma fiscalização rígida para conter esta "interferência".

"...os fiscal... num ponto, num ponto eu até acho que eles estão certo, a gente até tema, porque é o serviço da gente, né? Mas, eu já falei e num canso de falá, a culpa mais é essa criançada da rua tamém, né? Por causa dos carro, que tá arriscado dá um atropelamento

[12] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.
[13] Voltarei a esta questão posteriormente.
[14] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.

mata um motorista, mata uma família, mata aquela criança memo e a culpa só cai nos carroceiro. É carrocero! Num fala que é uma criança. Fala: é um carrocero! (...)"[15]

Como está posto, percebe-se uma concordância em se afirmar que entre os que trabalham com carroças estão alguns que "moralmente" não deveriam estar, pois podem denegrir o ofício e a seriedade que os "carroceiros" atribuem a ele. A fala do senhor José Moreira é uma referência a esta classificação. Nota-se portanto, que para ser aceito enquanto membro de um "grupo" de trabalhadores (como o de carroceiros) requer-se uma credibilidade, a qual adquire-se através da virtuosidade e experiência, da idade, da razão (em se usar uma carroça) e muitas vezes no respeito em se portar diante as "regras" implícitas colocadas por estes trabalhadores.

Seguindo esta ótica, percebe-se que existem diferenças entre estes trabalhadores, sendo que tais diferenças apresentam-se em função de bairros, de famílias e de tarefas que os carroceiros venham a realizar, tais como: catar papel, tirar entulho, vender esterco, etc.

No tópico anterior, percebe-se como o senhor Wilson elogia a camaradagem dos catadores de papel. Em sua trajetória de trabalhador urbano, ele exerceu durante muitos anos (e ainda exerce esporadicamente) a tarefa de remover entulho, segundo ele "*o entulho hoje em dia tá pouco*" e os carroceiros que trabalham nesta área parecem (a seu ver) desunidos, dificultando ainda mais a sobrevivência por intermédio desta espécie de atividade:

"**Se todo mundo pensasse dum jeito só, tudo ia prá frente... mas eu já penso dum jeito, o outro já pensa do outro, o outro já pensa do outro, né. Purque pur exemplo, se penso prá mim: — tem isso aqui prá mim fazê; aí já chega um dali prá cá, aqui: ô! O senhor sabe um serviço aí, prá mim fazê assim.... / Ah! se qué ajudá a partar isso aqui, nóis parte isso aqui no meio. Num pensa assim, ...aquele que pegou o serviço, ele qué fazê sozim, o outro se lasca prá lá, então lá tá a classe dos carroceiro... a classe do carroceiro tá assim. Em vem dois carroceiro se um pegou aqui, dá três carro de intuio aqui, se ele desse uma carroça prá o outro, prá pelo menos ganhá 3 real, todo dia, ninguém passasse farta, né.**"[16]

---

[15] Fala do senhor José Moreira da Cunha. Em entrevista concedida a Ana Mágna Silva Couto. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

Neste sentido vai se delineando determinados grupos, que em sua maior escala (na somatória de diversos deles) o senhor Wilson conceitua como: "classe". E.P. **THOMPSON** escreve que as "classes não existem como categorias abstratas — platônicas —, mas apenas na medida em que homens vêm a *desempenhar* papéis determinados por objetivo de classes, sentindo-se *pertencentes* a classes, definindo seus interesses tanto em si mesmos como contra outras classes"[17]. Esta interpretação assemelha-se muito a compreensão do senhor Wilson sobre a configuração de auxílio e de "interesses" coletivos destes trabalhadores, pois em sua percepção, a "classe" está comportando-se de uma forma que não deveria estar, privilegiando uma espécie de individualismo frente à opções de sobrevivência dentro de um conjunto mais amplo.

O tom irônico, que o senhor Wilson emprega ao termo, parece ser a constatação da inexistência de um extenso grupo, que abrangesse todos os trabalhadores com carroças, em razão de interesses comuns. Como será apresentado a seguir, estes trabalhadores, mesmo não estando engajados em uma formação de "classe" organizada e abrangente, não entendem-se (e nem exercem suas atividades) de forma isolada e individual[18], mas sim encontram-se inseridos em **pequenos** grupos. E creio ser no interior destes "grupos" menores (especificamente de trabalhadores com carroças), que ocorra uma maior integração e exista um mais concreto senso de cooperação.

Talvez, **HOGGART**[19] interpretasse esta atitude, de junção não oficial de contingentes de trabalhadores, como a delineação dos "Nós" (dos nossos, dos iguais a nós) na sociedade.

---

[16] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.

[17] Ver **E. P. THOMPSON**. **A Peculiaridade dos Ingleses**. Tradução: Departamento de sociologia da Universidade Estadual de campinas. Textos didáticos/ n.º 10. Maio de 1993. (*Pág. 37*).Grifado no original.

[18] Como visto, a própria forma familiar de se aprender o trabalho (através das vivências no ambiente doméstico) é coletiva.

[19] Ver **Richard HOGGART**. **As Utilizações da Cultura** – ***Aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a Publicações e Divertimentos.*** Editorial Presença, 1973. Foi dito "talvez", porque **HOGGART** trabalhava com outras circunstâncias, pois suas análises estavam pautadas sobre o "operariado inglês": pessoas que trabalham em fábrica, viviam em bairros proletários e possuíam seus próprios contextos de modos de vida. Porém usarei o parâmetro de *grupos de carroceiros*, como substrato de análise do trabalho desses sujeitos.

Em contrapartida, os que encontram-se fora do perímetro destes grupos (diferentes dos membros) pertenceriam ao grande e disforme conjunto dos "Eles".

Na categoria dos "Eles", enquadrariam os "meninos" (dos outros "*que anda solto de carroça*" e que causa a "Nós" uma concorrência "imoral"), os fiscais municipais, os policiais, os motoristas no trânsito, aqueles que trabalham com carroças e não cumprem os atributos implícitos do ofício (que os membros dos grupos vêem como conveniente), e tantos outros.

> **"Uai... nóis trabaia em tudo quanto é bairro aqui em Uberlândia, anda tudo, só num tá indo no centro, purque eles num qué que anda. Nóis num vai mais tem um bucado aqui que num sai de lá... então nóis tá querendo obedecer a regra, ai nóis... mais prejudicado tá nóis!"**[20]

Aqueles que "prejudicam" e descriminam estão em concordância com o lado oposto, são oponentes que vigiam e rejeitam o "nosso" grupo, portanto tornam-se foco de preocupação e cuidados. Creio que esta divisão e conseqüentes limites de segurança estipulados por trabalhadores autônomos frente aos outros, que assumem a postura de diferentes (ameaçando suas condições de trabalho), tomem a forma de conflito. Fazendo residir nestas relações as contradições e as resistências postas a (e por) esses trabalhadores.

Chamo a atenção para o fato de que estas oposições não estão claras e não são óbvias como parecem. Se na literatura clássica do movimento operário —mesmo não tratando disso aqui— temos referências a oposição de "classes" (proletariado em contradição a burguesia), criando assim um conflito característico, o qual as expectativas de desfechos conhecemos muito bem; nas relações enfatizadas e vividas por grupos de carroceiros, os opositores estão dispersos, variam de acordo com as circunstâncias colocadas nas diferentes atividades exercidas com carroças, e portanto, não podem ser unificados apenas na forma do poder público.

---

[20] Fala do senhor Joaquim Sebastião Filho, casado, 58 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

Gostaria de enfatizar que não estamos tratando de um grupo único de carroceiros nesta pesquisa. As entrevistas abordaram um contingente diversificado de trabalhadores, que recolhem e removem o entulho, (como o senhor Deni, senhor Maninho (Antônio Gomes) e seu Jorge Saraiva)[21], fazem frete, catam papel, entre outros.[22] Como a formação de grupos não se dá apenas pela especificação das tarefas[23], não pode-se conseguir delinear com clareza a qual conjunto cada um está inserido, mesmo porque estes não possuem sede ou organização formal. Os que mais aproximam-se de uma união de trabalhadores, que delimitam-se (e reconhecem-se) como uma "turma" de carroceiros, seriam alguns catadores de papel aqui enfatizados, mais especificamente, o senhor Wilson, seu primo Joaquim Sebastião e seus companheiros. Repetindo:

> **"Samô muito unido, nós dois.. samô muito unido. Esses colega do papel são muito unido, se pur exemplo, eu três vila prá cá que eu vô cedo, aquele outro mais três vila prá cá, aquele outro, mais três prô outro lado, o outro tem mais três prô outro lado, um di frente prum lado, outro di frente prô outro, outro di frente prô outro, quando chega de tarde que se encontra na rua, ...mais o catador de papel, num vô contra o catadô de papel, é tudo unido. Se pur exemplo, se eu catô eu preciso, se aquele ali cata ele precisa, se o outro cata ele precisa também, então os catadô de papel é mais unido que os tiradô de intulho... mas se pur exemplo... nóis tá num monte de papel, chegou outro catadô, aí... não!: — Põe papel na sua carroça também, então aquele também pega papel prá mim. Agora o intui é diferente, então ... eu num tem nada que queixá dos catadô de papel".**[24]

Eu, aquele, aquele outro: nós. "Nós" temos nossas regras (*"eu três vila prá cá que eu vô cedo, aquele outro mais três vila prá cá, aquele outro, mais três prô outro lado, o outro tem mais três prô outro lado, um di frente prum lado, outro di frente prô outro, outro di frente prô outro, quando chega de tarde que se encontra na rua"*) e nos auxiliamos. "Nós" somos muito unidos.

---

[21] O seu Jorge, além de fazer pequenos transportes com sua carroça, trabalha juntamente com sua esposa (Maria Aparecida) e seus filhos na compra e revenda de esterco para lojas da cidade.

[22] Há um grande contingente trabalhando em lojas de material de construção. Mas como o intuito inicial desta pesquisa era a de buscar algumas experiência de "**Carroceiros Autônomos**", não temos referências de trabalhadores com esta "especialização".

[23] Mas, também, cria-se em volta de relações familiares, entre o convívio no bairro (relações entre vizinhos), ou mesmo em torno de amizade e confiança.

Essa união garantiria por um lado uma sobrevivência mais igualitária a todos do grupo, fazendo com que vivam em um mesmo patamar de condições de existência, e por outro ângulo como coloca **HOGGART**, o "sentido de grupo", que acredito estar presente nesta fala acima apresentada, "consiste (...) que cada um deles não é um indivíduo isolado, mas sim membro de um grupo constituído por indivíduos bastante semelhantes e pouco sujeitos a diferenciações futuras" [25]. São pessoas que vivem e se percebem em um mesmo patamar social (*"Se pur exemplo, se eu catô eu preciso, se aquele ali cata ele precisa, se o outro cata ele precisa também"*).

"Agora o intui é diferente". As divisões de tarefas, mesmo não sendo eixo único da formação de grupos, fazem com que os carroceiros tenham vivências diferenciadas. Os que "removem" entulho, atualmente, possuem um grande opositor pertencente a categoria dos "Eles": as redes de caçambas[26]:

> **"Prejudica nóis, prejudica nóis a caçamba nas ruas... nas vila (...) Nóis qué o serviço, mais serviço prá nóis num tá tendo... uma os minino estraga, outra a prefeitura põe caçamba até aqui nas vilas... como é que os carroceiros vai fazer ?"**[27]

Acredito que as caçambas tenham enfatizado a concorrência entre os carroceiros de remoção de entulho e tem feito com que os meninos trabalhadores sejam visto com maiores desconfianças. A mesma atitude, acredito, não pode ser estendida aos catadores de papel por exemplo, devido ao fato de serem obrigados a compartilhar de uma só tarifa colocada pelo comprador.[28]

Voltando à questão dos novos trabalhadores, enquanto figuras indesejadas no ofício. A fala do senhor Wilson, acima apresentada, refere-se ao preço dos carretos e a

---

[24] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.
[25] **HOGGART**. Op. cit. *(pág. 97)*
[26] "Caçambas tira-entulho". A rede destas "Caçambas" — grandes conteiners de armazenamento de entulho, que se instalam na frente das construções e terrenos baldios e são removíveis por caminhões — surge no início do anos noventa, e conta hoje com aproximadamente 16 firmas de "grande porte" nesta cidade.
[27] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.

irresponsabilidade dos meninos em lidar com carroças, como já referido. Porém, acredito que esta desconfiança em relação aos jovens trabalhadores seja bastante recente, iniciando-se com a implantação da rede de caçambas na cidade. Acredito que a opção deste senhor, como a de seu primo (o senhor Joaquim Sebastião) em catar papel, seja fruto também da implementação destas redes na cidade.

Esta regulamentação "moral" do preço, difere-se da década de oitenta para essa. Pois, parece haver, neste período, uma maior liberdade frente a "regulamentação" de preços.

> **"No momento de pré-fixar o preço do carreto, a psicologia dos carreteiros é infalível e universal. "Vai muito da pessoa. Se a pessoa tiver um jeito de gente rica, a gente cobra mais. Se for pobre, cobramos a metade ou em determinados casos até levamos de graça", afirma com ar de justiça Francisco Silva, carroceiro do Bairro Operário".**[29]

Apesar de discernido os "Eles" (a pessoa com jeito de gente rica) dos "Nós", o preço parecia mais livre e menos taxativo. O carroceiro, usando sua "*psicologia*", parecia ter uma maior autonomia sobre o custo de seu frete (carreto). Ao colocar as caçambas nas ruas, diminui-se o entulho, tem-se menor o rendimento e, eventualmente, aumenta-se o cuidado para que as tarifas garantam um equilíbrio de oportunidades a estes trabalhadores.

Então, a caçamba não leva embora apenas o entulho, ela torna-se responsável pela remodelação de atitudes e ética relativa ao trabalho.

A fiscalização, nesta perspectiva, torna-se mais um no conjunto dos "Eles". Sua atuação afeta a todos os grupos de trabalhadores carroceiros e pode ser compreendida, em um contexto mais amplo, como a parcialidade da lei "deles", contra o "nosso" trabalho. Os fiscais preocupam-se com cavalos soltos, animais de consumo, com o destino do entulho, e com a circulação de carroças em determinados horários e espaços do perímetro urbano.

---

[28] A respeito das "experiências" de trabalho, moradia e vida de "Catadores de Papel" na pesquisa de Ana Mágna Silva **COUTO**. **"Os Catadores de Papel, práticas e intervenções na Cidade: Uberlândia, 1970/1997"**, monografia de conclusão de curso. UFU. 1997.

[29] Jornal "**Participação**" (jornal da administração Zaire Rezende). Ano 1. N.º 5. Janeiro de 1985. (*Pág. 02*).

"Ah é, fiscal dos onibus, eles que, fica lá, direto vai encheno o saco: "Não, num pode pará carroça aí não". Aí, eu falo; não, vô pegá um papel aqui rapidinho e já volto. Eles fala: "Então, anda rápido". Aí, eu tem que... i lá no centro, né? Fiscal, tem fiscal que trabalha na polícia, fica encheno o saco, tem fiscal, fica falano muito, encheno o saco, num pode pará a carroça aí não, num pode fazê isso, num pode jogá lixo aí não, num sei o quê isso, aí, tem que andá rápido, metê o pau, vazá. Num pode ficá muito enrolado não, muito não, senão eles enche o saco".[30]

"Eles", os fiscais, querem manter o domínio, a coerção, e exercer uma autoridade sobre os grupos de carroceiros. Pertencem a estirpe de trabalhadores, mas representam os olhos e os interesses dos "outros", agem contra "Nós", e sempre estão prontos a "nos" punir. Nunca estão dispostos a atender as necessidades dos "nossos", tornam-se portanto opositores. O senhor Wilson já demonstrou a ineficácia da fiscalização frente aos "meninos" e reclama da omissão destes frente a sujeira jogada ao lado de sua casa.

"(...) ó... queria que ocês vesse ... pessoal diz que carroceiro suja a cidade; ... se agente ... carroceiro jogasse intulho nesta cidade, seria uma sujeira dentro dessa cidade. Agora queria que aqueles fiscal da prefeitura visse, igual nesta vila, porque nesta vila não vem fiscal... o lixo ai embaixo, jogado ai na minha porta, ai... eu limpo a cidade eles suja a minha porta, se vai falá... aqui nóis num pode falá, senão eles briga com nóis, os vizinhos briga, né... tem que largar disso aí como tá, agora se visse um fiscal, falá, reclamá, eles num deixavam o lixo ai na minha porta. Enquanto tá seco, aqui, tudo bem, mais quando chove se num güenta a catinga".[31]

Nesta fala, há ainda uma colocação muito interessante: "... *pessoal diz que carroceiro suja a cidade; .. se agente ... carroceiro jogasse intulho nesta cidade, seria uma sujeira dentro dessa cidade*" (...) "*eu limpo a cidade eles suja a minha porta, se vai falá...*". Os carroceiros apresentados através das perspectiva dos fiscais e dos secretários do poder administrativo local tornam-se "sujões" :

"Com o emplacamento vai ficar mais fácil para a secretaria identificar quem está sujando a cidade e a população vai poder denunciar os sujões. A secretaria e os moradores de

[30] Fala de Rafael Luís Camargo, idem entrevista anterior.
[31] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.

Uberlândia poderão fazer um trabalho em conjunto para acabar com esse problema que muito nos preocupa".[32]

Ser "sujão", atrapalhar o trânsito, ser descuidado com os cavalos e éguas, possibilitar a transmissão doenças através de seus animais, etc. Isto, na visão de grupos de carroceiros, é argumento dos "Eles" para "nos" humilhar e "nos" discriminar.

As discriminações frente ao trabalho com carroças estão dispersas em muitas ações cotidianas e são percebidas por carroceiros de diversos modos:

"Tem não... a gente tem que comprá remédio nóis mesmo... aqui ninguém ajuda carroceiro in nada".[33]

"Dia a dia do carroceiro é o seguinte: é sofrimento (...). O que representa mais a vida do carroceiro é a discriminação... nem de pessoa assim da minha maneira qui é pobre também. (...) Como nois teve explicano, as pessoas pega a oportunidade de mandá num carroceiro... o carroceiro tadinhi, as vezes até que vem da roça, não sabe que jeito a qual o serviço da gente é dentro dá cidade, o carroceiro vem da roça. O elemento da dando uma entrevista prum carroceiro, e manda que um carroceiro sôbi a primeira a direita, é para seguir a direita na mão, ele manda ele seguir na esquerda contramão, o carrocerinho vai na deli".[34]

"O animal tem que ficá só fechado... nóis deixa o animal fechado, marrado... se o cavalo for prá rua, o caminhãozinho pega ele até aqui na vila... o caminhãozinho vem aqui, pega o animal aqui... o que eu tô fazendo é prá cumê, vai preso, eles leva preso, chega lá embaixo... 30 real prá tirá o animal. Dá o maior trabalho, como é que faz um trem desse... fica irritando nóis num ponto desse também e... blitz pegando nóis na vila, e ...deixá o centro...."[35]

Seja na ausência de um atendimento para seus animais, seja no impedimento das tarefas cotidianas, os demais membros da sociedade (elementos estranhos a estes conjuntos) tentam imprimir uma misto de desdém e superioridade sobre estes grupos.

---

[32] Fala do secretário municipal de Serviços Urbanos, Antônio Carrijo, em entrevista ao jornal **CORREIO**. Uberlândia - 25/03/97; página 09. Antônio Carrijo elaborou um projeto que obriga as carroças da cidade a ter placa numérica de identificação.

[33] Fala do senhor Joaquim Sebastião Filho, casado, 58 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

[34] Fala do senhor Sebastião Vieira e Araújo, 52 anos, casado, residente do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **27 de setembro de 1998**.

"Sinto, que a gente num tem regalia, né? Cê vai encostá um animal num carro, a pessoa te reprime, cê vai encostá notro, o guarda para. Cê vai encostá em otro, otra pessoa para, aí... A gente num tem capacidade, né? Num tem aquela atualidade de falá: Não, aqui, como eu sô analfabeto, num sei lê,... não aqui, cê pode encostá aqui. Porque um num chega e fala assim: "Ali ó, cê pode encostá alí". Mais não, vai chegano e rasgano o (traço) da gente, tem uns que até maltrata a gente. Iguale um dia, que eu fui até preso, um soldado aqui da, do postim policial aqui, eu invinha, fui fazê um carreto, eu tem um cavalo que chama, o nome dele é nego. O cavalo começou empacá, foi até nessa eleição passada, começo empacá, eu gritei com o cavalo: "Nego"! Quando eu gritei, o soldado saiu pulano de lá, num me deu satisfação nenhuma, foi meteno algema ni mim, já foi mandano o minino vim imbora com a carroça e me levano pra lá. Eu falei que eu ia levá pu Balancê, ele andô falando umas conversa fiada. E eu fiquei (preso), por causa dum nome que eu falei com meu cavalo, que é o nome dele".[36]

Como coloca **HOGGART**, os trabalhadores têm, "e com razão, a sensação de que se encontram desfavorecidos perante a lei, que as castiga com maior facilidade do que aos membros de outras classes, e que as leis que regulam os delitos comuns se dirigem de um modo muito especial contra eles". Neste contexto, "as relações que mantém com a polícia diferem das que existem entre esta e as classes médias"; "o policial é sempre alguém que os está a vigiar, um representante da autoridade que os não deixam em paz, e não um membro dos serviços públicos, com a função de ajudar e proteger os cidadãos".[37]

Estas ações desfavoráveis, referidas aos trabalhadores carroceiros, podem ser entendidas —de uma maneira mais amplificada— como fruto da condição social que ocupam; e sabem eles muito bem, que esta posição os remetem a um estado de diferença em relação aos "ricos". Vivem assim e sofrem humilhações, pois é "**povo pobre**" e **"então, num tem lei prá povo pobre...todo jeito é o que eles falá é o jeito mesmo...**".[38]

O trabalho com carroças, como já visto, é penoso, prolongado e nada rentável. Esta é uma atividade que não oferece possibilidades de ascensão. As pessoas que dela vivem, experimentam um cotidiano "terra a terra", distanciando-se de perspectivas de consumo e de

---

[35] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.
[36] Fala do senhor José Moreira da Cunha, idem entrevista anterior.

grandes transformações, que de uma forma ou de outra, encontram-se presente em trabalhadores da classe média.

Tal cotidiano, somado a valores e a costumes levam estes a refletir —em situações particulares— sobre a situação a que estão submetidos. As experiências trazem concepções e recursos "morais" para se continuar com o trabalho e com a própria vida. A produção de fontes orais apresenta algumas destas reflexões:

> **" (...) Porque eu num..., porque pobre é aquele, pobre de espírito, que num tem corage pra nada. A gente considera pobre é porque num tem corage pra nada! Então num tem espírito, cê entendeu? Purque eu, graças a Deus, eu vivo nessa luta aí, sofreno aí nesse negócio de catá papel pá rua afora (...)".**[39]

> **"Pobre tem... pobre tem, até numa relação igual, a minha não é pobre, é remediado, porque o pobre, que eu acho que é pobre, é o cego e o alejado que num sabe andá... mais... é onde eu falo prô cê que num tem... agora a farta todo mundo passa, né".**[40]

As atitudes e as percepções, tomadas diante da situação de pobreza, convergem-se (apesar de diversificadas) a uma certa concepção de "tolerância" frente a vida que levam. Segundo **HOGGART**, trabalhadores que vivem em um patamar de exclusão social, "adotam, em relação a uma tal situação, atitudes que lhes permitem viver nessas circunstâncias, sem se lembrarem demasiados da situação em geral e seus inconvenientes. Essas atitudes tendem a transformar os principais elementos da situação em leis naturais, na matéria prima imutável da vida". Completa ainda, "reduzindo-se geralmente a um simples aceitação, ou a uma aceitação fatalista das coisas tal como elas são, essas atitudes não se alçam nunca a um nível trágico; de resto, não pode haver tragédia, porque não há escolha. Revestem-se no entanto de uma certa dignidade, pelo menos nalguma das formas que assumem".[41]

---

[37] **HOGGART**. Op. cit. *(pág. 88/89)*
[38] Fala do senhor Joaquim Sebastião Filho, idem entrevista anterior.
[39] Fala do senhor José Moreira da Cunha, idem entrevista anterior.
[40] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.
[41] **HOGGART**. Op. cit. *(pág. 111)*

Creio que a religiosidade seja um argumento para a "aceitação" deste cotidiano. Nas falas aparecem, com razoável freqüência, as esperanças e as desavenças provocadas pela situação material de vida interligadas a crenças e a invocações religiosas.

> **"Eu tem que trabaiá, eu sei que tem que trabaiá... é tudo que pussuiu, graças a Deus é do meu suor, então eu tem que trabaiá prá mim pussui e tê e zelá de meus fí, igual eu fui zelado no meu tempo, ... num posso zelá dus meu fí igual meu pai zelô de mim, não. (...) Vive essa vida que Deus deu, num tem condições... esse sonho eu tinha, se eu tivesse um pedacinho de chão fora, eu criava... eu prantáva, eu ia criá meus fío igual meu pai me criou.. mas num posso, o que eu tenho de valor é os fio mais a muié... e essa carrocinha véia... então tem que conformá, o que Deus mi deu foi isso né..."**[42]

Tal resignação, sustentada por um conflitante aparato moral/religioso, é suplantada pela noção do levar a vida em um contexto de manutenção da "dignidade".

> **"Se... nóis num levá (o papel ou não conseguir entulho), nóis vai passá fome mesmo, igual qui tem muita família que num trabaia, igual eu cunheço dessas... é muito mais de que a minha... num trabáia e vevê melhor de que eu..."**[43]

"A partir do momento em que surge esta idéia de 'dignidade' e de 'independência', surgem também outras noções com ela correlacionadas: em primeiro lugar a de 'respeitabilidade', que pode significar tanto um puritanismo exagerado, como o orgulho do artífice no trabalho bem feito, ou na integridade moral daqueles que não tem mais nada além do firme propósito de se não deixarem abater pelas circunstâncias"[44], ressalta **HOGGART**.

Para se manter a dignidade, deve-se, além de tomar forças nas próprias condições a que estão inseridos, lutar pela manutenção e pela a existência do trabalho. Há portanto a necessidade de resistir, para "nos" sustentar decentemente.

---

[42] Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.
[43] Fala do senhor Joaquim Sebastião Filho, idem entrevista anterior.
[44] **HOGGART**. Op. cit. *(pág. 94)*.

TRABALHO DE CARROCEIRO: CONSTRUÇÃO COTIDIANA

Algumas considerações

Este enunciado pode ser compreendido por dois aspectos; o primeiro, por se estar tratando aqui de uma atividade autônoma, deve-se ao fato da busca por afazeres com as carroças: catar papel, recolher entulho, transportar pequenas mudanças, capinar terrenos e livrar-se dos restos, etc. Estas atividades, não podem surgir de forma ocasional, tem-se a necessidade de ser diária e farta, pois o sustento da família depende da constância do trabalho.

O outro aspecto pode ser compreendido como subsídio da existência do primeiro, trata-se da **liberdade** de se circular pelos mais variados bairros e nas diversas ruas que compõem o perímetro urbano. Pois, como se é perceptível, o trabalho com carroças (somente) é realizado no espaço público, nas vias de asfalto, ao lado do trânsito, às vistas de todos.

Devo registrar que a circulação das carroças vem sofrendo censuras por parte do poder municipal nos últimos vinte anos. Não consegui ainda localizar, com precisão, o início e os motivos concretos de restrições aos carroceiros na cidade[1]. Mas, o tema é constante nas entrevistas produzidas ao longo do processo desta pesquisa, entre estas existem algumas referências a um encontro, ocorrido em meados da década de 80, entre os carroceiros e o prefeito Virgílio Galassi —PPB (1978 a 1982). O conteúdo da reunião pode ser resumido,

[1] As pesquisas realizadas em jornais de circulação municipal (tais como **Correio de Uberlândia** e **Triângulo**) nas décadas de 70 e 80 nada revelaram.

segundo o senhor João Batista, desta forma: "*(...)... agora que a Rondon tá pronta...(...) intão num vai mais podê tê carroceiro na cidade*"[2].

Nessa reunião, também estava presente o senhor Jorge Saraiva, que nos relata um dos acontecimentos lá passado:

> **"(...) eu tava lá.. foi logo ali numa quadra, foi quando o vígilio falô que num ia tê jeito de tê mais carroceiro na cidade, ai o povo lá num aceitô, mas des daí já falô que num pudia tê mais carroceiro, não".**[3]

As entrevistas não precisam uma data exata. Penso, porém, que tal reunião, provavelmente, tenha ocorrido semanas após a entrega da Avenida Rondon Pacheco; uma obra que trouxe vários problemas para a administração municipal e para a população da cidade, tanto pelo custo (bastante oneroso), quanto pelos desmanches (desta), em virtude a fortes chuvas ocorridas durante a década de 80.

Ao entrar em contato com algumas fontes referentes a esta Avenida[4], percebe-se que esta tornou-se marca e suporte político desta administração, sendo considerada como um avanço no tráfego de mercadorias e de pessoas na cidade.

> **"A avenida Governador Rondon Pacheco será realmente uma obra de grande importância na inter-ligação de todos os bairros da cidade, como espinha dorsal de todo nosso sistema viário urbano. Com a inauguração do segundo trecho, cujas as galerias, serviços de drenagem e asfaltamento serão entregues na data da Revolução Democrática de 1964, já estarão definitivamente concluídos quase dez quilômetros de um autêntico free way, com quatro pistas de rolamento"**[5].

Este marco arquitetônico, na lembrança dos carroceiros, torna-se o princípio das limitações ao acesso livre a toda geografia da cidade. Isto, na verdade, causa uma situação

---

[2] Fala do senhor João Batista do Nascimento, viuvo, 58 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **27 de setembro de 1998**.

[3] Fala do senhor Jorge Saraiva, casado, 41 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **26 de setembro de 1998**.

[4] Jornal **Correio de Uberlândia**. 15/07/1980. "Conclusão da Rondon Pacheco será entregue no aniversário da cidade". (Pág. 01) Jornal **Correio de Uberlândia**. 03/09/1980. "Rondon Pacheco terá Ciclovias". (Pág. 01)

[5] Jornal **Correio de Uberlândia**. "Acompanhado de Assessores Prefeito viu de perto as obras da Rondon". 24/01/1980. (Pág. 01).

paradoxal, pois se esta avenida tem como objetivo a "*interligação*" de todos os bairros da cidade, facilitando (potencialmente) o trânsito dos habitantes e "democratizando"[6] (até mesmo através de ciclovias) o espaço, ao mesmo tempo torna-se um aparato de exclusão aos trabalhadores, que necessariamente precisam usar as ruas e possuir alcance aos mais diferentes bairros para sobreviver.

Gostaria, ao título de informação, dizer que existe uma numerosa quantidade de documentos que tratam das diversas dissoluções da Avenida Rondon Pacheco[7]. Demonstrando que nem sempre as atitudes tomadas em prol a um caminho de construções desenvolvimentistas — desprezando as vidas das pessoas, que moram e trabalham ao seu redor, e o meio ambiente circunvizinho — tem o êxito esperado.

> **"A avenida Rondon Pacheco transformou-se num imenso rio de águas violentas, provocando acidentes automobilísticos e fazendo com que transeuntes desprevenidos ou ansiosos por notícias de familiares e conhecidos (que supostamente estivessem sob os escombros) morressem ao atravessa-la".**[8]

Como já disse anteriormente, não basta reter nos discursos progressistas e modernizantes para justificar a tentativa de domínio (e **controle**) do espaço urbano. Creio ser necessário, e mais importante, apreender as formas de resistências oferecidas por estes trabalhadores para continuarem com seus ofícios e manterem os modos de vidas, que

---

[6] Notar, por favor, as aspas.

[7] Entre eles:
Jornal **Correio de Uberlândia**. 20/01/1983. "Erosões na Rondon". (Pág. 01)
Jornal **Correio de Uberlândia**. 21/01/1983. "Prefeitura iniciou ontem reparos de emergência na Rondon Pacheco". (Pág. 01)
Jornal **Correio de Uberlândia**. 29/01/1983. "Relatório de Virgílio Galassi sobre a atual situação da Rondon Pacheco". (Pág. 01)
Jornal **Correio de Uberlândia**. 29/01/1983. "Virgílio pediu apoio a Andreazza para resolver os problemas da Rondon Pacheco". (Pág. 06).
Jornal **Correio de Uberlândia**. 05/02/1983. "Está interrompido um trecho da Rondon Pacheco". (Pág. 01)
Jornal **Correio de Uberlândia**. 12/12/1986. "Chuva provoca tragédia em Uberlândia". (Pág. 01)
Jornal **Correio de Uberlândia**. 13/12/1986. "A longa avenida Rondon Pacheco agora em escombros ". (Pág. 01)
Jornal **Correio de Uberlândia**. 12/12/1986. "Chuva provoca tragédia em Uberlândia". (Pág. 01)
Jornal **Correio de Uberlândia**. 16/12/1986. "Ministro do interior: 'Vamos reconstruir a avenida Rondon Pacheco' ". (Pág. 01)
Jornal **Correio de Uberlândia**. 17/12/1986. "Vereadores querem CPI para apurar irregularidades na avenida Rondon Pacheco". (Pág. 01)

[8] Jornal **Correio de Uberlândia**. 12/12/1986. "Chuva provoca tragédia em Uberlândia".

valorizam. Pois, apesar de existirem textos (de imprensa, de caráter partidário ou mesmo publicitários), que exaltem um certo "progresso", e ações coercitivas (fiscais, policiais, entre outros), que incidem sob os trabalhadores, basta andar por alguns minutos por esta cidade, para notar um número imenso de carroceiros utilizando as mais diversas vias públicas.

No mandato Zaire Rezende —PMDB (1983 a 1988), administração sucessora a de Virgílio Galassi—, ainda é grande a preocupação dos carroceiros quanto a liberdade de trânsito pelas avenidas e ruas. Nota-se, em documentos produzidos nesta prefeitura, que as possíveis restrições, colocadas no governo anterior, são tidas agora como "*boatos*".

> **"O fantasma que percorre os bate-papos dos carroceiros é o 'boato' de que a prefeitura possa proibi-los de circular nas avenida Afonso Pena e Floriano Peixoto na justificativa de melhorar o tráfego.**
>
> **"Nós olhamos mais para o motorista do que ele pra nós. O carroceiro respeita as pessoas que andam a pé, coisa que o motorista não respeita", alerta João Pereira.**
>
> **Fora este medo (sem fundamento) de que a prefeitura venha proibi-los de circular no centro, outro medo maior os assusta: é a captura de seus cavalos pelos fiscais da prefeitura. "A gente tem medo de descuidar do cavalo, deixar solto nas ruas e a prefeitura prender".**
>
> **Mas este medo é uma espécie de precaução. Todos sabem que apenas são capturados os cavalos que circulem em vias públicas ou perímetro urbano sem o proprietário ou responsável, pois representam um sério perigo para transeuntes e condutores de veículos"**[9].

Durante este governo do PMDB, a relação entre os carroceiros e o poder público parece menos conflitante, nas fontes orais não surgem referências de controle do perímetro viário neste período. Mas, para os carroceiros tal assunto não poderia ser tratado como um "*boato*", pois estes sabem, através de experiências anteriores e mesmo através da luta pela moradia, que a constituição e a permanência no espaço urbano tornam-se uma conquista contínua e não podem ser vistas como uma apropriação perpetuamente.

Esta administração (do "Dr. Zaire") é considerada como mais justa, por estes trabalhadores. Principalmente pelos moradores do Lagoinha, pois foi nesta administração que muitos conseguiram regularizar (e mesmo construir) suas moradias neste local.

Porém, acredito que os carroceiros não considerem o fator político eleitoral, como diretrizes substanciais de transformações sociais e econômicas. Em suas falas, a "política" é compreendida (e "aproveitada") como o período de campanha de votos.

> **"Injustiça tem, pur caus que, minina; o problema é esse... se coincidi... tempo da eleição, miora prá todo mundo... que tempo da eleição, eu num tem nada que queixá do tempo da eleição... o cara qué meu voto, ele vem aqui: "Oh! Cê vai votá prá mim, lá assim... assim..."/ "Ó rapaz, assim, assim... eu tô sem uma roupa, um calçado, prá votá prô cê lá..../ "Não, que isso rapaiz...."**[10]

HOGGART acredita que o problema da política faça parte do mundo dos "Eles". E, como dito, "a relação com 'Eles' (seja 'Eles' quem forem) integra-se, em última análise, na relação mais geral com tudo o que não faz direta e intimamente parte do nosso universo local"[11]. Acredita-se que as pessoas das *classes trabalhadoras* vivam "*segundo a tradição do grupo ao qual pertence, que é uma tradição pessoal e local*", sendo assim, estão "*convencidas de que não são essas as coisas mais importantes da vida*".

Virgílio Galassi, após algumas sucessões (geralmente sendo sucedido por indicados), ocupa hoje (novamente) o cargo de Prefeito. Neste contexto, retornam, nas falas dos carroceiros, as preocupações com a livre circulação no perímetro urbano.

> **"Uai... nóis trabai em tudo quanto é bairro aqui em Uberlândia, anda tudo, só num tá indo no centro, purque eles num qué que anda.(...)"**[12]

---

[9] Jornal "**Participação**" (jornal da administração Zaire Rezende). Ano 1. N.º 05. Janeiro de 1985. (*Pág. 02*).

[10] Fala do senhor Wilson Pereira de Jesus, casado, 57 anos, morador do bairro Lagoinha. Em entrevista concedida a Ana Mágna Silva Couto. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

[11] Ver Richard HOGGART. **As Utilizações da Cultura – *Aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a Publicações e Divertimentos.*** Editorial Presença, 1973. *(pág. 123)*.

[12] Fala do senhor Joaquim Sebastião Filho, casado, 58 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

"Ontem mesmo eu tava lá no centro... peguei a carroça e fui lá prô centro, eu sei que eles num gosta, que gente vai lá no centro. O Virgílio num falô, mas eu sei que é ele que num que qui a gente anda de carroça por quarqué quanto, mas nois vai...(...) eu vô e faço o serviço de qualquer homem qui vai la´por centro". [13]

"Então, eu vô vê se nois tema, que enquanto não fazê o calçadão lá como diz que vai fazê, eles num pode que, proibí, que enquanto tivé aquela coisa lá. vamo ver o quê que nois pode fazê.(...)[14]

Novamente surge a ação "Deles", sempre muito confusa e de certa forma até imperceptível para quem não trabalha com carroças. "Eles" não querem que os mais variados grupos de carroceiros circulem no centro da cidade. Mas, os "Nossos" resistem, de todas as maneiras possíveis. E este resistir tem o seu ato maior na própria presença física dos carroceiros no meio urbano, em qualquer lugar e a qualquer hora.

Vale ressaltar ainda que as oposições são abrangentes, e conseguem circundar grande parte das atitudes percebidas como obstáculos ao exercício do trabalho com carroças. As centrais de entulho criadas pela ação do poder público municipal[15], levou o senhor Deni, por exemplo, a tomar uma atitude de auxílio a prefeitura:

"Agora como eu só tô mexendo com intuio fino ... areia, troço de construção mais leve, ... eu faço o seguinte.. eu vô olhando os buracos pelas rua... assim que eu passu por um, eu jogo um tanto... até tampa... passu por outro, eu faço a mesma coisa."[16]

Dessa forma, vão se constituindo as resistências cotidianas às imposições postas pelo grupo dos "Eles", como também, o trabalho e a sobrevivência dos múltiplos conjuntos de carroceiros em Uberlândia vão sendo garantidos. Pois, como as carroças já não ocupam um

---

[13] Fala da senhora Maria Aparecida da Silva, esposa do senhor Jorge. 39 anos, moradora do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **26 de setembro de 1998**.

[14] Fala do senhor José Moreira da Cunha , casado, 49 anos, morador do bairro Lagoinha. Em entrevista concedida a Ana Mágna Silva Couto. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

[15] A este respeito, temos a fala do secretário municipal de Serviços Urbanos Antônio Carrijo, em entrevista ao jornal **CORREIO**, caderno CIDADES - página 9, dia 25/3/97 - assunto: criação de centrais de entulho - "A medida visa limpar a cidade e oferecer aos carroceiros, principais responsáveis pelo transporte de entulhos, um local certo para jogar este tipo de lixo". Estas são tidas pelos carroceiros como muito longínquas, situação que inviabiliza o transporte de entulho com carroças, em virtude do desgaste dos cavalos.

lugar de destaque no setor de movimentação de mercadorias, diferente do que ocorria nas primeiras décadas deste século[17], os carroceiros, atualmente, não possuem o poder de negociação que exerciam em períodos mais remotos, descartando artifícios como paralisações e greves[18].

Atualmente, a profissão passa por tentativas jurídicas de *reformulação*. Tais atitudes são advindas de **regulamentações** legalistas, as quais se está incidindo sobre o trabalho com carroças.

> **"(...) existe, já um projeto na Câmara Municipal de Uberlândia que regulariza a atividade e profissão de carroceiro. De acordo com o projeto, todas as carroças da cidade terão, obrigatoriamente, que ter placa numérica de identificação. A intenção, segundo o secretário municipal de Serviços Urbanos, é de incentivar a Associação dos Carroceiros a conseguir o cadastramento desses trabalhadores e até mesmo a possibilidade de terem o benefício da aposentadoria paga pelo INSS, que não existe atualmente por causa da falha da regulamentação".**[19]

Não pretendo, aqui, levantar análises sobre tais aparatos administrativos, pois até o momento não se percebe as reais definições destas sobre o trabalho dos carroceiros[20]. Apenas, acredito que deva ressalvar a numeração das carroças e a atuação da Associação dos Carroceiros, enquanto perspectivas novas para o ofício.

A Associação dos Carroceiros de Uberlândia é uma organização recente[21], que tornou-se responsável pelo cadastramento dos carroceiros da cidade. Por cadastramento, entende-se

---

[16] Fala do senhor Deni Alijair Valeriano, casado, 64 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **28 de setembro de 1998**.

[17] Retorno, com o devido distanciamento, a fazer referências a obra de Heloísa de Faria **CRUZ**: "**Trabalhadores em Serviço: dominação e resistência (São Paulo 1900/1920)**". SP. Marco Zero, 1991.

[18] Pelo menos não há referencias a esta espécie de conduta no período abordado pela pesquisa.

[19] Jornal **CORREIO**. Uberlândia. 25/03/1997. "Criada centrais de entulho em Uberlândia". Página 09.

[20] Sabe-se muito bem que o benefício do INSS não está garantido por esta espécie de regulamentação. Mesmo na época do documento 1997, ou antes disso os trabalhadores autônomos contribuíam independente deste tipo de aparato legalizador.

[21] Criada, segundo informações prestadas por Joaquim Sebastião Filho ("vice-presidente" desta Associação) a três anos. Ao meu ver, esta vem cumprindo o papel "oposto" ao que deveria exercer, propondo-se a efetivar e a executar medidas advindas da Prefeitura Municipal, ao invés de manter uma postura política de representação eficiente destes trabalhadores. As reuniões realizadas na sede desta Associação, geralmente trazem como pauta a conscientização para se manter limpa a cidade e mudanças nas taxas cobradas em caso de apreensão de cavalos e carroças (presos por intermédio desta). Com o intuito de se conseguir quorum para estas reuniões de "cobrança" é comum o sorteio entre os participantes de cavalos e carroças apreendidas e não reclamadas. Assisti incógnito a

aqui: o preenchimento de uma ficha[22], o recebimento de uma carteirinha, o acréscimo de uma placa numerada à carroça, além de ouvir várias normas e promessas.

Esta entidade é vista pelos trabalhadores como uma espécie de órgão da Prefeitura, pois estes fazem reivindicações a ela, como se estivessem fazendo ao próprio Prefeito. Ao meu ver acredito que, os trabalhadores esperam dela (da Associação, enquanto representante da Prefeitura) uma atitude **paternalista**. Sei o alto risco que corro, ao recorrer a este termo e usá-lo. Mas, ao referi-lo faço à compreensão de **THOMPSON**[23], que considera, mesmo que em situações específicas[24], "*um componente (...) importante, não só da ideologia, mas da real mediação institucional das relações sociais*".

> **"... discriminação aqui é desse jeito. A gente num tem aqui uma pessoa que apoia a gente, que dá segurança pu carroceiro, num tem. (...)Então é isso, agora nessa parte que cê tá perguntano o quê que nois vamo fazê. Eu tava pensano é eles que tem que fazê, porque pela promessa deles lá, eles falaro assim: que vai passá os lojista pô o papel às 8 da noite na rua, pô pra fora às 8 e se temá, que tem multa pus lojista. Agora num sei se eles vai fazê. Eles é que tem que fazê cô nois"**[25].

---

uma destas assembléias, realizada no dia 01 de maio de 1997, esta fora convocada para se discutir a questão do emplacamento e da tabela de horários para a circulação no "hipercentro", nesta assembléia a diretoria cumpriu seu papel de intervenção favorável as novas ações propostas na Câmara dos Vereadores, reafirmando a necessidade do controle através de placas e de horários especiais para o tráfego central.

[22] Reprodução da "Ficha Cadastral":

FICHA CADASTRAL DE CARROCEIROS		
NOME DO TITULAR: |		
ENDEREÇO: |		
DATA DE NASC.: |	| CARROÇA PLACA N.º: |	
RG N.º |	| CPF N.º |	
TÍTULO N.º |	| ZONA: |	| SEÇÃO: |

Estes documentos foram solicitados à Associação pela pesquisadora Ana Mágna Silva Couto, porém tal pedido não foi aceito. Ana Mágna conseguiu uma cópia dos cadastramentos realizados no ano de 1998, através da Secretaria de Serviços Urbanos desta Prefeitura. Devo acrescentar que estas cópias apenas foram conseguidas com a apresentação de um pedido formal da PUC de São Paulo, faculdade pela qual a pesquisadora está realizando seu trabalho de Mestrado.

Neste ano referido verificou-se o registro de 968 carroças. Não pode ser afirmado que este seja o número de trabalhadores urbanos neste momento, pois não existe a garantia de que todos tenham se cadastrado.

[23] Ver E. P. **THOMPSON**. **Costumes em Comum. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**. Companhia da Letras, 1998. A partir da. página 28. Ele na verdade não guardava muitas perspectivas com o termo, em suas palavras: "*o paternalismo é um termo descritivo frouxo*".

[24] Tais como análises referentes a "Rússia czarista, no Japão do Período Meiji ou certas sociedades escravocratas" (pág.32). Peço licença para considerar a relação que os carroceiros **esperam** da Prefeitura, sob esta perspectiva, mesmo estando inserida no contexto das relações capitalistas atuais.

"Ah! foi a uns mês atrais" (sobre uma reunião na sede da Associação) "então é onde eu aqui, nesse ponto meu aqui, soube da prefeitura... o que nóis queria... igual ele falou prá nóis, que ia dá liberdade prá nóis, prá nois andá sem se a noite ... na cidade, ele iria peleja, iria andá prá isso prá nóis; e vê se a prefeitura deixasse a caçamba só lá no centro, e deixava a vila prá nóis... purque prejudica nóis a caçamba nas rua ... nas vila". "Nóis qué o serviço, mais o serviço prá nóis num tá tendo... a prefeitura põe caçamba até aqui nas vila ... Como é que o carroceiro vai fazê? Num tem jeito né de nóis trabaiá , como é que nóis vai tratá da nossa família?"[26]

O **paternalismo** social sugere, segundo **THOMPSON**, o "*calor humano*" das relações familiares, a mostrar-se "*numa relação mutualmente consentida; o pai tem consciência dos deveres e responsabilidades para com o filho, o filho é submisso ou complacente na sua posição filial*"[27]. Os carroceiros crêem que a Prefeitura deva, por exemplo, fazer com que as caçambas não se instalem pelo bairros (dando **segurança** a existência de trabalho), em contrapartida, como deixa a entender o senhor Wilson, obedeceriam as regras de não trafegar pelos locais determinados.

A Prefeitura não tem como restringir o uso de caçambas no centro da cidade e nem parece ser esta sua intenção, mas os trabalhadores esperam dela alguma espécie de atitude. O auxílio, requerido por este trabalhadores, limita-se as reuniões da Associação e às suas perspectivas. Pois, não parece haver nenhuma tendência da administração municipal em se desenvolver uma relação de *deveres e responsabilidades* com os condutores de carroça nesta cidade. Como exemplo desta indisposição (ou mesmo atitude contrária) frente a solicitações destes trabalhadores, tem-se o programa BAIRRO LIMPO, lançado meses após o registro da fala do senhor Wilson (através da Secretaria de Serviços Urbanos, a mesma que considera os carroceiros como "sujões" e promove o cadastramento e a numeração das carroças). O projeto consiste no recolhimento gratuito de entulhos em bairros afastados do centro da

---

[25] Fala do senhor José Moreira da Cunha, idem entrevista anterior.
[26] Fala do senhor Wilson Pereira de Jesus, casado, 57 anos morador do bairro Lagoinha. Em entrevista concedida a Ana Mágna Silva Couto. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.
[27] **THOMPSON**, Op. cit. (pág.30)

cidade, tal ato limita, ainda mais, o campo de atuação dos carroceiros, que trabalham com a remoção destes:

> **"A Prefeitura Municipal de Uberlândia, através da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, organizou uma equipe com todos os equipamentos necessários para em conjunto com você, limpar todo o seu bairro. Veja como funciona: Desde já você deve organizar e juntar todas as coisas que não servem mais para você, tais como: pneus, latas, madeiras, garrafas, caixas, móveis, utensílios velhos, restos de construção, etc. Aí ..., no dia marcado você coloca tudo que considera lixo para fora. Deixe seu quintal bem limpinho e organizado."**[28]

Aos olhos de pesquisadores ou de militantes políticos, a possível numeração de um veículo (como uma carroça), que realiza uma espécie de trabalho, atualmente, visto como um enigmático estorvo (seja por "sujar" a cidade, seja por atrapalhar o trânsito, ou seja por uma série de outras razões não facilmente visíveis), seria interpretada como o arranjo de um mecanismo de controle sobre os trabalhadores. Mas, esta não é a compreensão dos próprios trabalhadores em relação ao fato. Nas falas dos carroceiros entrevistados, a ótica diverge à esta noção.

Suas concepções podem ser resumidas em duas instâncias de percepção. A primeira diz respeito a índole pessoal, ou a do grupo a que este carroceiro pertence:

> **"Eu acho que meiora, acho que meiora... purque já foi dito que muito certo tipo de animal num pode trabaiá; animal duente, animal manco, animal magro... o que mais tem na mão do povo aqui é isso, é gente espancando animal.. então muita gente vai te que pará.. então ele inté falô que se o animal adoecê, animal da gente, ele vai dá outro até o animal da gente recuperá, vai tê veterinário por povo. Ai tem uma tropa qui que num tem condição de trabaiá, e o povo vai tentando, trabaiando do mesmo jeito, purque num tem ninguém prá oiá, ai tipo minha tropa é tudo tipo aí, tudo gordo... bem tratado."**[29]

"*Minha tropa é tudo tipo aí, tudo gordo... bem tratado*", assim o senhor Joaquim diferencia-se de outros carroceiros. A placa garantiria a presença dos animais deste carroceiro

---

[28] Circular distribuídas nos bairros: Projeto Bairro Limpo, Fevereiro de 1998.

[29] Fala do senhor Joaquim Sebastião Filho, casado, 58 anos, morador do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **29 de junho de 1997**.

nas ruas, e mostraria o quanto ele é cuidadoso e justo com seus cavalos. Talvez, por conseqüência, o faria mais confiável (ou mais "profissional") frente aos serviços por ele oferecidos. Ou então, segundo algumas interpretações, as placas poderiam diferenciar um grupo de outros:

> **"(...) então o que eu tenho dizer, é esse moço que fez a carteira, é essa que ... fez reunião com nóis, lá... chamou nóis lá na casa dele... então fez esta proposta... tirou a carteira de nóis... da metade de nóis... porque os carroceiros tudo daqui de Uberlândia num foi ... foi a metade, aqui família da gente mesmo tem muitos que num tirou a carteira... igual tem um punhado ai... que tem 4, 5 filho aí... tudo menino de menor aí, trabalhando com carroça na rua ai... num foi lá, porque num tira carteira prá menor."**[30]

As placas terão a função (às vistas dos sujeitos), também, de moralizar e distanciar os grupos dos "nossos" de determinados "outros", que prejudicam a "Nós" e atrapalham o serviço.

Uma outra instância de entendimento, considera-se que a numeração, o cadastramento, a carteirinha e as promessas feitas pela "Associação" tenham se transformado em uma vitória "Nossa" sobre a vontade "Deles". Principalmente pelo fato do atual Prefeito, Virgílio Galassi, ser a mesma pessoa que declarou o fim do trabalho dos "Nossos" a cerca de vinte anos, assim dá-se a vívida impressão de que "Nós" resistimos e que conquistamos espaço e respeitabilidade, assim o emplacamento tornou-se o reconhecimento do "Nosso" trabalho.

> **"Donde é que nois entramos nessa de carterinha por causa da segurança. Porque às veiz, tê um poco de segurança, um poco, ao meno!"**[31]

> **"Porque, hoje, o carroceiro trabalha com dignidade, o carroceiro trabalha emplacado nas normas da leis, se eu chegar no terreno do senhor, e jogar uma viagem de entulho, você toma o número da minha placa de tarde eu tô no computadô da prefeitura, assumindo aquela responsabilidade."**[32]

---

[30] Fala do senhor Wilson Pereira de Jesus, idem entrevista anterior.
[31] Fala do senhor José Moreira da Cunha, idem entrevista anterior.
[32] Fala do senhor Sebastião Vieira e Araújo, 52 anos, casado, residente do bairro Lagoinha. Concedeu esta entrevista em **28 de setembro de 1998**.

"A maioria dos homens tem um forte senso de justiça, pelo menos em relação aos seus próprios interesses"[33]. E assim, configura-se uma interpretação colhida entre suas experiências cotidianas e na busca por dignidade e respeito.

As conseqüências ainda estão por serem medidas. Apenas, com o desenvolvimento das ações (do poder municipal e dos trabalhadores) é que se poderá saber como se emoldurará as transformações (ou não) dos modos de vidas destas pessoas.

Se fosse interessante uma opinião (e tenho receio que esta possa ser uma visão bastante particular), diria que o ofício continuará a existir, mas estará sempre em constantes mudanças e afoito por diferentes resistências. Pois, trata-se de pessoas e de experiências e de vidas.

> **"Importante que eu já vô pá idade, que ninguém tá quereno que a gente ganha mais serviço, daqui a pouco, eu já tô véi, tem que tê alguma coisa pra mim pegá, porque senão, como é que eu faço? Num tem, eu tem certeza que eu num tem condições de aposentá rápido... a minha cartera num tem, muita firma como pede. Então tem que tê uma coisa, pá mim pegá... Meu trabaio é importante".**[34]

[33] Ver E. P. **THOMPSON. Senhores e Caçadores.** Paz e Terra, RJ. 1987. (Pág. 352).
[34] Fala do senhor José Moreira da Cunha, idem entrevista anterior. (grifo meu).

FONTES

Fontes orais:

Antônio Gomes da Silva , casado, 46 anos morador do bairro Lagoinha. Entrevista concedida em 28/9/98.

Deni Elisário Valeriano, casado, 64 anos morador do bairro Lagoinha. Entrevistas concedida em 27/9/98 e 28/9/98.

João Batista do Nascimento, viuvo, 58 anos morador do bairro Lagoinha. Entrevistas concedida em 04/7/97 e 26/9/98.

Joaquim Sebastião Filho, casado, 58 anos morador do bairro Lagoinha. Entrevista concedida em 29/7/97.

Jorge Saraiva, casado, 41 anos, morador do bairro Lagoinha. Entrevista concedida em 26/9/98.

José Moreira da Cunha, casado, 49 anos morador do bairro Lagoinha. Entrevista realizada e cedida por Ana Mágna Silva Couto. Concedida em 29/7/97.

Maria Aparecida da Silva, esposa do senhor Jorge, 39 anos, moradora do bairro Lagoinha. Entrevista concedida em 26/9/98.

Rafael Luís Camargo, solteiro, 17 anos, morador do bairro Santa Rosa. Entrevista realizada e cedida por Ana Mágna Silva Couto. Concedida em 20/4/97.

Sebastião Vieira de Araújo, casado, 52 anos morador do bairro Lagoinha. Entrevista concedida em 27/9/98.

Wilson Pereira de Jesus, casado, 57 anos morador do bairro Lagoinha. Entrevista realizada e cedida por Ana Mágna Silva Couto. Entrevista concedida em 29/7/97.

Outras Fontes:

UBERLÂNDIA cria centrais de entulho. **CORREIO**, dia 25 de março de 97, página 9; caderno CIDADES.

CONCLUSÃO da Rondon Pacheco será entregue no aniversário da cidade. Jornal **Correio de Uberlândia**. 15/07/1980. (Pág. 01)

RONDON Pacheco terá Ciclovias. Jornal **Correio de Uberlândia**. 03/09/1980. (Pág. 01).

ACOMPANHADO de Assessores Prefeito viu de perto as obras da Rondon. Jornal **Correio de Uberlândia**. 24/01/1980. (Pág. 01).

EROSÕES na Rondon. Jornal **Correio de Uberlândia**. 20/01/1983. (Pág. 01)

PREFEITURA iniciou ontem reparos de emergência na Rondon Pacheco. Jornal **Correio de Uberlândia**. 21/01/1983. (Pág. 01)

RELATÓRIO de Virgílio Galassi sobre a atual situação da Rondon Pacheco. Jornal **Correio de Uberlândia**. 29/01/1983. (Pág. 01)

VIRGÍLIO pediu apoio a Andreazza para resolver os problemas da Rondon Pacheco. Jornal **Correio de Uberlândia**. 29/01/1983. (Pág. 06).

ESTÁ interrompido um trecho da Rondon Pacheco. Jornal **Correio de Uberlândia**. 05/02/1983. (Pág. 01)

CHUVA provoca tragédia em Uberlândia. Jornal **Correio de Uberlândia**. 12/12/1986. (Pág. 01)

A LONGA avenida Rondon Pacheco agora em escombros Jornal. **Correio de Uberlândia**. 13/12/1986. (Pág. 01).

CHUVA provoca tragédia em Uberlândia. Jornal **Correio de Uberlândia**. 12/12/1986. (Pág. 01).

MINISTRO do interior: "Vamos reconstruir a avenida Rondon Pacheco". Jornal **Correio de Uberlândia**.16/12/1986. (Pág. 01)

VEREADORES querem CPI para apurar irregularidades na avenida Rondon Pacheco. Jornal **Correio de Uberlândia**. 17/12/1986. (Pág. 01)

NO ASFALTO de Uberlândia ainda há vagas para carroças. Jornal "**Participação**" (jornal da administração Zaire Rezende). Ano 1. N.º 5. Janeiro de 1985. (*Pág. 02*).

COMUNIDADE do Lagoinha faz valer os seus direitos. Jornal "**Participação**" (jornal da administração Zaire Rezende) Ano 2. N.º 10. Abril de 1986. (Pág. 01).

CIRCULAR distribuídas nos bairros: **Projeto Bairro Limpo**, Fevereiro de 1998.

CADASTROS DE CARROCEIROS (1998). Documento impresso na Sec. de Serv. Urbanos, Prefeitura de Uberlândia, 1998.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **História Oral: A Experiência do CPDOC** . RJ. Fundação Getúlio Vargas, 1990

ALÉM, J. M. **Representações Coletivas e História Política em Uberlândia**. In: *História e Perspectivas* - Uberlândia. UFU. Jan/jun. 1991..

AMADO, Janaína. **A culpa nossa de cada dia. Ética e História Oral.** XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaios sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. 2ª Edição. SP. Cortez, 1995.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. *"A Experiência Humana e o Ato de Narrar: Ricouer e o Lugar da Interpretação"*, in: **Revista Brasileira de História**. BIOGRAFIA, BIOGRAFIAS, SP. ANPUH/Marco Zero, v. 17, nº33, 1997, pp. 197-221.

BAKHTIN, Michail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de F. Rabelais.** SP. Hucitec, Brasília: UnB, 1987.

BARREIRO, José Carlos. *"E. P. Thompson e a teoria da história"* in: **Revista Projeto História**, n.º 12, PUC, 1996.

BEZERRA, Halien Gonçalves. *"E. P. Thompson e a Historiografia Brasileira: revisões críticas e projeções"* in: **Revista Projeto História** , n.º 12, PUC, 1996

BIANCO, Bela F. *"História e Poder Local"*. In: **Produzindo o Passado. Estratégias para a Construção do Patrimônio Cultural. SP. Brasiliense / CONDEPHAAT**, 1984.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. SP. Cia das Letras, 1995.

CAMARGO, Aspsia Alcântara de. *"História Oral: Técnica e Fonte Histórica"*. In: **Programa de História Oral: Catálogo de Depoimentos**. RJ. RGV/INDIPO/CPDOC, 1981.

CASANOVA, Julian. **La História Social y Los Historiadores**. Editoral Crítica. Barcelona, 1990

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Paz e Terra. RJ, 1975.

CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**, Oeiras: Celta Editoras, 1993.

COSTA, Emília Viotti da. *"A Dialética Invertida; 1960 - 1990"*. In:_**Revista Brasileira de História.** N.º 27. SP. Marco Zero, 1994.

COUTO, Ana M. Silva. **"Os Catadores de Papel, práticas e intervenções na Cidade: Uberlândia, 1970/1997**", monografia de conclusão de curso, UFU. 1997.

CRUZ, Heloísa de Fraria. **Trabalhadores em Serviços: dominação e resistência**, (São Paulo, 1900-1920). SP. Marco Zero, 1991.

FENELON, Déa Ribeiro .In: *Trabalho, Cultura e História Social Perspectivas*. **Projeto História 4**. PUC. 1989.

_____. *"O Historiador e a Cultura Popular, História de Classe ou História de Povo?"*. In:_**História e Perspectiva**. N.º 6. Jan/jun. 1992. UFU, Uberlândia.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva: **Trabalhadoras Domésticas: Múltiplas Faces do Cotidiano - Uberlândia 1970/1997**. Mimeo. Dissertação de bacharelado. UFU, 1997.

GINSBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas , Sinais Morfologia e História**. Cia das Letras. SP, 1989.

GOUBERT, Pierre. *"História Local"*. In: **História e Perspectiva**. Uberlândia. Gráfica da UFU, 1992. N.º 6. Jan/jun.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. SP. Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric J. **Mundos dos Trabalho**. 2ª Edição. SP. Paz e Terra, 1988.

_____ . **Sobre História**. SP. Cia das Letras, 1998.

HOGGART, Richard. **As Utilizações da Cultura: Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos**. Lisboa, Editorial Presença. 1973.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta*. In: **(Re)Introduzindo História Oral no Brasil**. José Carlos Sebe B. M. (org.). SP. Xamã, 1996.

MÉSZÁROS, István. **A Necessidade do Controle Social**. 2ª Edição. SP. Ensaio, 1993.

MOREIRA, Helvécio D. **Formação e desenvolvimento dos Bairros Periféricos em Uberlândia.** Tese de Bacharelado, 1991

PAOLI, Maria C. *"Trabalhadores Urbanos na Fala de Outros. Tempo Espaço e Classe Operária Brasileira"*. In: **Cultura & Identidade Operária**. Marco Zero, 1987.

PEREZ Rosemeire M. da Costa. **O sem terra urbano em Uberlândia . O caso Lagoinha** Dissertação de conclusão de curso. Mimeo. UFU/ 1990.

POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimentos, Silêncio*. In: **Estudos Históricos**. RJ, Vol. 02, n.° 05. 1989, pág. 3 –15.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Trad. Maria T. J. Ribeiro. SP, CEDIC-PUC/SP, mimeo, 1995.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**. 2ª Edição. Paz e Terra, 1991.

SILVA, Eduardo. **As Queixas do Povo**. RJ, Paz e Terra, 1988.

SILVA, Luzia Márcia R. **Os Trabalhadores na Luta pela Terra no Triângulo Mineiro: 1989/1996**. Tese de Mestrado, PUC/SP, 1996.

SOUZA, João Carlos de. **Cultura e Valores: Representações dos Ocupantes de Terra na Zona Leste de São Paulo**. Tese de Mestrado. PUC. SP. 1989.

THOMSON, Alistair. **Quando a Memória e um Campo de Batalha: envolvimentos pessoais e políticos como o passado do Exército Nacional**. Trad. Simone Geraldes. SP, Mimeo. 1995.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. 3 Volumes. Trad. Denise Bottmann, Paz e Terra, RJ, 1987.

_____ . **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros**. Zahar Editores. RJ 1987.

_____. **Tradição, Revuelta y Consciência de Classe: Estudios das Crises del Sociedade Pré- Industral**. Editorial Crítico. Barcelona, 1989

_____. **A Peculiaridade do Ingleses**. Tradução: Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. Textos didáticos n.° 10 maio de 1993.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Trad. Lálio Lourenço de Oliveira, Paz e Terra, RJ, 1992.

VILANOVA, Mercedes. *Pensar a Subjetividade: Estatísticas e Fontes Orais.* In: **História Oral**, Marieta de **Morais** (org.), Diadorim, RJ, 1994.

WILLIANS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Zahar. RJ, 1987

_____. **O Campo e a Cidade, Na História e na Literatura.** SP. Companhia de Letra, 1988.